

Universidade de Brasília
FEF - Faculdade de Educação Física

**Capital Corporal e Desigualdade na Educação Física Escolar:
Um estudo dos critérios de escolha de alunos na prática esportiva**

Ester Geraldo Campelo Torres

Brasília
Novembro de 2018

Universidade de Brasília
FEF - Faculdade de Educação Física

**Capital Corporal e Desigualdade na Educação Física Escolar:
Um estudo dos critérios de escolha de alunos na prática esportiva**

Ester Geraldo Campelo Torres

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de
Licenciado em Educação Física da
Universidade de Brasília.

Brasília
Novembro de 2018

Banca examinadora:

**Prof. Dr. Aldo Antônio de Azevedo (Orientador - Titular) – Universidade de
Brasília**

Prof. Dr. Jonatas Maia da Costa

Brasília

Novembro de 2018

Dedico este trabalho a minha esposa, que tanto me apoiou e estimulou em meu crescimento acadêmico e profissional.

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus pais pelo amor e cuidado dados a mim em vida;

Agradeço aos meus avós pelo afeto e assistência ao longo da minha vida;

Agradeço aos meus familiares e amigos que me fortaleceram nesta caminhada;

Agradeço ao meu professor Aldo por toda a orientação e ajuda que me foram dadas;

Agradeço aos professores que me instruíram na minha formação;

Agradeço a instituição Universidade de Brasília pelo excelente ambiente de aprendizagem e enriquecimento profissional.

*“A escola exclui, como sempre, mas ela
exclui agora de forma continuada e
mantém no próprio âmago aqueles que
ela exclui.*

(Pierre Bourdieu)

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise da Educação Física escolar em duas escolas públicas de Brasília, cujo o objetivo foi investigar se e como os professores selecionam os estudantes para a prática esportiva nas aulas de educação física e averiguar a existência de capital corporal nas aulas de educação física, por esse motivo foi verificada e analisada a ocorrência de elementos de distinção nas aulas de educação física. Contribuíram com essa pesquisa 3 professores de educação física e foram observadas 7 aulas de cada professor, o que resultou em um universo de amostra de 21 aulas. Os resultados apontaram que a inteligência tática foi observada na pesquisa 11 vezes; a coordenação motora foi observada na referente pesquisa 17 vezes; a técnica foi observada 17 vezes; a experiência de jogo foi observada 15 vezes; as valências físicas força, velocidade e resistência foram observadas 17 vezes; a condição física foi observada 13 vezes e a qualidade corporal foi observada apenas 5 vezes. Após a coleta e análise dos dados, percebe-se que, ao menos nesta amostragem, a Educação Física escolar dispõe de capital corporal em todas as aulas práticas, isso ocorre porque em todas as aulas práticas é possível analisar elementos de distinção presentes nos conteúdos ministrados.

Palavras-chave: Educação física escolar; capital corporal; elementos de distinção.

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Elementos corporais observados nas aulas do Professor 1	30
Gráfico 2 - Elementos corporais observados nas aulas do Professor 2	30
Gráfico 3 - Elementos corporais observados nas aulas do Professor 3.....	31
Gráfico 4 - Elementos de distinção por professor	31
Gráfico 5 - Inteligência Tática	32
Gráfico 6 - Coordenação Motora	33
Gráfico 7 - Habilidade Técnica	34
Gráfico 8 - Experiência De Jogo	34
Gráfico 9 - Qualidades Físicas	35
Gráfico 10 - Condição Física	35
Gráfico 11 - Qualidades Corporais	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
JUSTIFICATIVA	12
Metodologia e caracterização da pesquisa	13
CAPÍTULO 1 - Capitais e reprodução em Bourdieu: Cultural, econômico e simbólico	14
CAPÍTULO 2 - Campo Esportivo e a Escola	20
CAPÍTULO 3 - Análise dos Dados	29
CAPÍTULO 4 - Capital Corporal e Desigualdade Social na Escola	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXO A - Roteiro De Observação Professor 1	48
ANEXO B - Roteiro De Observação Professor 2	58
ANEXO C - Roteiro De Observação Professor 3	65
ANEXO D – Tabela de Observação	72
ANEXO E – Entrevista Professor 1	73
ANEXO F – Entrevista Professor 2	79
ANEXO G – Entrevista Professor 3	85

INTRODUÇÃO

No presente trabalho pretende-se discutir “se” e “como” a escola distingue os alunos, por intermédio do chamado capital corporal¹, segundo as contribuições do sociólogo francês Pierre Bourdieu. O referido conceito é trazido de berço, através da cultura oferecida à criança desde a infância pela própria família, transmitido pela escola e imposto a todos os alunos de forma arbitrária.

No espaço da Educação Física, especialmente na prática esportiva, considerando a visão de Bourdieu, o corpo investido sob a forma de capital é relevante na prática esportiva e pode produzir a desigualdade ou distinção dos alunos no espaço da escola.

Esta pesquisa pretende averiguar a existência de capital corporal nas aulas de educação física, por meio de análises das ocorrências dos elementos corporais de distinção, estes elementos constituem o capital corporal. Do mesmo modo, possui a tarefa de investigar como os alunos são selecionados no ambiente coletivo das aulas de educação física para as práticas esportivas competitivas.

O corpo, para Bourdieu, além de atrelado ao capital corporal, da mesma forma se mistura com outros conceitos estudados pelo autor, pois o corpo é uma linguagem e se comunica com o meio, tendo que ser observado não só do ponto de vista físico, como também o social.

Para compreender o conceito de capital corporal e outros conceitos atrelados a ele, é necessário dominar alguns dos conceitos criados e investigados por Pierre Bourdieu.

Capital cultural é o nome dado a cultura de cada pessoa e a educação que ela recebe e acumula através de livros, diplomas e os conhecimentos aprendidos na escola e no cotidiano. Desse modo a origem social e o desempenho escolar constituem as raízes desta análise.

Para Bourdieu os indivíduos em um determinado campo disputam certos capitais, a saber: O capital cultural, econômico, social e simbólico. Porém no campo escolar, um dos capitais mais requeridos é o “cultural”, logo a escola acaba por avaliar o capital

¹ Adota-se aqui o conceito de capital corporal expresso em “o capital corporal abrange as competências corporais necessárias para a prática esportiva e quando as competências corporais são compreendidas de forma prematura pode ser rentável economicamente e socialmente ao praticante do campo esportivo”. Bourdieu, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento.

cultural dos estudantes, automaticamente os selecionando. A falha da instituição se dá porque cada discente tem uma variedade de capital cultural que ele carrega previamente de seu contexto familiar. Caso a família desse estudante domine os códigos, linguagens e normas pedidos pela escola, seu êxito na instituição será maior do que de outro estudante que não traga consigo a cultura legítima.

Paralelamente, estudantes das classes dominantes, estudam a própria cultura. O seu *habitus* social, é bem similar ao *habitus* exigido pela escola. A escola para os filhos das classes dominantes é um campo familiar, e já para os filhos das classes trabalhadoras a escola se trata de uma cultura distante. Os estudantes das classes dominadas não possuem o mesmo ponto de partida, ou a mesmo aglomerado de cultura do que os estudantes das classes dominantes. Dessa forma para os filhos das classes dominadas aprender a linguagem da escola, os procedimentos, esquemas operatórios, se torna uma tarefa mais complexa, o que torna o êxito na escola menor.

Por não conseguir capacitar e nutrir os estudantes da mesma forma a escola se torna uma ferramenta de desigualdade social e sua ação pedagógica, agindo por intermédio de uma violência simbólica, pois valoriza a cultura dominante e desvaloriza a cultura das classes dominadas.

A violência simbólica é legitimada pela escola, justamente, na ocasião em que um estudante da classe desfavorecida consegue êxito escolar, fugindo da situação comum do coletivo no qual é desfavorecido. Esse fato dá uma falsa impressão de que a seleção escolar é baseada na meritocracia.

Com a educação atingindo novas competências e padrões, um novo elemento se apresenta: a distinção. Ela atesta um valor social reconhecido a determinada pessoa. E uma vez presente no contexto educacional, acaba por valorizar determinadas escolas em detrimento de outras escolas, o que ocorre também no nível superior, onde alguns diplomas são mais prestigiados do que outros.

Antes de aprofundar o conceito de capital corporal, produziu-se uma breve discussão sobre o esporte. Enquanto fenômeno social, o esporte pode ser distinto e popular. Os esportes distintos, são esportes que contém um certo prestígio, a reputação propensa a eles, vem do fato de serem esportes mais técnicos, mais difíceis de serem aprendidos, demandam mais horas de prática ou local específico, essas particularidades desses esportes necessitam de maior capital econômico e por isso são considerados

distintos, e, como consequência, mais ligados às classes dominantes. Já os esportes populares são acessíveis em termos de capital econômico, exigem mais força, velocidade, resistência e esforço, sendo mais relacionados às classes populares.

Neste sentido, entende-se que o capital corporal vai definir e selecionar quem é apto ou não para determinados esportes, distinguindo sujeitos que possuam uma gama de habilidades motoras, conhecimento corporal, experiência de jogo, conhecimento tático, força, velocidade, resistência, flexibilidade e até mesmo biotipo.

Assim, para orientar a discussão do objeto de estudo, formulamos os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

Investigar se e como os professores selecionam os estudantes para a prática esportiva nas aulas de educação física.

Objetivo Específico:

Descrever os elementos de distinção do capital corporal em aulas de educação física e a sua relação social.

JUSTIFICATIVA

O conceito de capital corporal tomado como referência central permite identificar relações sociais que se desenvolvem nas aulas de Educação Física e na prática corporal como um todo, assim compreendendo o campo educacional e esportivo a partir de uma argumentação sociológica.

A partir dessa premissa, a sociologia de Bourdieu constitui uma importante teoria para a compreensão do fenômeno das desigualdades na prática do esporte na escola.

Por fim, a experiência no estágio curricular me possibilitou identificar a relevância da noção de capital corporal nas aulas de Educação Física. Desse modo, a pretensão aqui é identificar se há seleção de habilidades físicas e corporais entre os alunos

nas aulas de educação física, o que traduz desigualdades e como se opera essa forma velada de violência simbólica na escola.

Metodologia e caracterização da pesquisa

A pesquisa que serviu de suporte ao objeto de estudo, foi desenvolvida a partir de dados extraídos durante a realização do estágio supervisionado do curso de licenciatura Educação Física da Universidade de Brasília (UnB). Os locais de pesquisa foram um centro de ensino fundamental e um centro de ensino médio, da região central de Brasília, no Distrito Federal. Durante a pesquisa foram usadas as técnicas de coleta de dados – observação e entrevista.

No Ensino Fundamental, foram observadas quatorze aulas de educação física, de cinquenta minutos, nos períodos matutino e vespertino, em um total de sete aulas em cada turno. No Ensino Médio, foram observadas sete aulas, cada aula do Ensino Médio tinha 95 minutos, as aulas observadas foram no período matutino. Nos dois níveis de ensino, foram tomadas nove turmas escolares, com uma média de trinta alunos, entre treze e dezessete anos.

Foi elaborado e seguido um roteiro de observação com o objetivo de facilitar a coleta de dados. Três professores de Educação Física foram tomados como sujeitos da pesquisa e nomeados como Professor 1, Professor 2 e Professor 3.

O foco do roteiro de observação foi a organização e divisão da aula, no sentido de identificar os critérios de distinção observáveis nas aulas de Educação Física. Esse roteiro contemplou também oito tópicos de identificação da relação entre as valências físicas, a vivência do estudante e a aula de Educação Física escolar.

Ao fim do semestre, após a coleta de dados, foram feitas três entrevistas, uma para cada professor, com o objetivo de confrontar o capital corporal e a realidade das escolas públicas. Isso ocorreu por intermédio de um roteiro de entrevista, elaborado com 16 questões, as quais estão compiladas nos Anexos E, F e G.

CAPÍTULO 1 - Capitais e reprodução em Bourdieu: Cultural, econômico e simbólico

O conceito de capital cultural foi criado por Pierre Bourdieu para explicar o fracasso e o sucesso escolar de estudantes. No início de sua carreira, com base na estatística, Bourdieu observou que existia uma relação entre o estudante, sua classe social e o patrimônio cultural da família.

Segundo o conceito de capital cultural, para Bourdieu a classe social, aqui entendida também como o capital econômico, influencia diretamente na cultura do estudante, no seu aprendizado e em sua linguagem, uma vez que, quando a criança inicia sua alfabetização ou adentra uma instituição escolar, leva consigo uma gama de conhecimentos pertencentes a sua família, comunidade e contexto social, este conhecimento é chamado de capital cultural.

Na ocasião em que determinada criança tem uma relação de proximidade com a linguagem ofertada na escola, ela tem vantagem em assimilar o conteúdo escolar. Por esse motivo, estudantes que possuem capital econômico terão vantagens no campo educacional, uma vez que a linguagem da criança abastada se encaixa perfeitamente com a do ambiente escolar. Já as estudantes que não possuem o mesmo capital cultural, enfrentam dificuldades em compreender a linguagem da escola, estes estudantes são obrigados a se esforçarem mais, para aprenderem o mesmo conteúdo.

Objetivamente, pouco ou quase nada das competências reconhecidas pela escola como não herdadas poderá ser adquirida pelo aluno na experiência escolar, bem como apenas pode ser mais facilmente exibido por alunos pertencentes a classes dominantes, devido a sua sociabilização familiar e grupal. (BOURDIEU, 1998)

Nessa perspectiva, o capital econômico e o cultural se harmonizam e causam diferenciação entre os indivíduos ao tempo que validam sua distinção. São fontes da reprodução social e ferramentas, da classe dominante. Os capitais são utilizados como forma de dominação, mas passam despercebidos, dado que eles são legitimados pela sociedade, numa aparente meritocracia.

Capital econômico está entrelaçado ao capital cultural, para Bourdieu, de um lado o Estado produz e mantém seu capital econômico, através dos impostos, da

constituição do monopólio e da emissão da moeda. Da mesma maneira o Estado controla a emissão de diplomas, assim dominando os capitais, cultural, simbólico e econômico.

O capital social, para Bourdieu, se constitui em uma rede de relações sociais, mais ou menos institucionalizada de indivíduos homogêneos, ou seja, sujeitos que apresentam uma semelhança em seu capital econômico e cultural. Estes sujeitos se vinculam a grupos de indivíduos através de instituições que cobram tributos para selecionar grupos de indivíduos correspondentes. Um exemplo destas instituições, são os clubes, esportes, jogos, cruzeiros, saraus, escolas da elite, enfim temos diversas instituições que lucram com os nichos sociais. Sujeitos vinculados a estas instituições sociais, procuram valorizar e manter sua posição na estrutura social.

O capital simbólico é a imagem que é refletida aos demais agentes do meio social, a honra e o prestígio por exemplo, e baseia-se unicamente no reconhecimento coletivo. Diferentemente dos outros capitais, o simbólico é flexível e pode ser alterado a todo o momento. Além disso, o capital simbólico, que pode ser positivo ou negativo, independe da classe social que o indivíduo se encontra, motivo pelo qual a relação entre o capital simbólico e os demais capitais não é dependente ou direta.

Se, porventura, o capital simbólico for positivo, ele remete a prestígio e uma espécie de valorização do indivíduo. Em decorrência disso, o grupo em questão remete ao sujeito poder no campo social. Entretanto se o capital simbólico é negativo, os indivíduos são tratados a margem da sociedade. Contudo, é um capital complexo de se mensurar e padronizar.

“a complexidade a qual a Sociologia, como ciência, deve desvelar/compreender está na realidade social, e o pesquisador/sociólogo deve questionar o aparentemente óbvio, pois é assim que a ciência avança, “questionando as ideias simples.”(BOURDIEU, 2004).

O sistema de ensino adentra a questão por ser tornar fonte de violência simbólica, por reproduzir a dinâmica da sociedade. A instituição de ensino elege e declara uma cultura, dita “legítima” e diante disso a instituição escolhe ensinar uma cultura, esquecendo-se da pluralidade cultural. E essa cultura é escolhida pela sua superioridade no meio social.

No livro *A reprodução* é apresentada uma visão crítica de ver e pensar sobre a escola. Para Bourdieu a escola é um espaço de reprodução social e a inclui no

conceito de “campo”. Segundo o autor, “*campo é um sistema de desvios de níveis diferentes em nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos atos ou nos discursos que eles produzem, tem sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções*”.

O autor ainda afirma que o campo tende a querer manter sempre sua estrutura, e os seus agentes corroboram para isso, mantendo uma certa periodização, assim quando há mudanças, estas mudanças não mudam o sistema em si. O campo educacional segue uma periodização e, mesmo se o conteúdo fosse reformulado, esse processo seria feito por educadores prestigiados e distintos. A consequência dessa ação seria a manutenção da mesma estrutura, porque todas as ações são feitas mediante a uma hierarquia e os agentes que estão no poder lutam para conservar o campo. (BOURDIEU, 1983, P. 179)

No momento em que a escola nomeia um conteúdo, ela faz parecer ser neutra na sua escolha e legítima, mas a instituição escolhe o conteúdo com base em códigos e linguagens pertencentes a classe dominante, essa prática é chamada arbitrária cultural. Este conceito aponta que o sistema de ensino oferece aos seus estudantes meramente uma linguagem, a linguagem da classe dominante. Estes códigos e linguagem oferecidos pela escola tendem a se perpetuar de maneira a transformar o capital cultural em capital econômico ciclicamente.

Quando um saber é valorizado em detrimento a outro, ele se torna legítimo. A consequência desse processo para os indivíduos é oposta a depender do contexto no qual estão inseridos, aos que já possuem elementos de distinção acabam por acreditar em meritocracia, por outro lado os sujeitos que não compreendem a linguagem imposta pela escola se acham incultos. Essa distinção ocorre em todos os meios educacionais, seja no ensino básico, ou no ensino superior.

O etnocentrismo nasce do choque de cultura entre os povos, sexos, raças ou classes sociais, ele julga a cultura do outro pelos padrões da própria sociedade. O etnocentrismo obedece diversas formas de opressão e dominação da cultura alheia, um exemplo disso na história brasileira foram os jesuítas quando tentaram homogeneizar a cultura dos povos indígenas. Para Rocha, o etnocentrismo é uma visão do mundo onde nosso próprio grupo é tomado como o centro de tudo e todos os outros são pensados e

sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência.(ROCHA 2017)

A escola não contempla a cultura dos diferentes grupos sociais que nela integram. Consequentemente a prática de ensino da escola não é neutra, e a sua prática etnocêntrica se transforma em arbitrária cultural.

No contexto apresentado, a escola se faz uma agente da violência simbólica, posto que a instituição valida o sistema de reprodução social e, continuamente, o conteúdo ofertado é pertencente a classes dominantes. Nesse sistema os estudantes de classes dominantes habitualmente terão vantagem de aprender esta linguagem, assim atingindo um maior aproveitamento escolar.

Já a violência simbólica é sofrida por estudantes de classes desfavorecidas, que não possuem familiaridade com o conteúdo escolar e nem com a escola como um todo, estes estudantes acreditam que a o fracasso escolar que os cerca é legítimo.

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos, e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 1998)

Adaptar-se ao papel de árbitro cultural de forma dissimulada é o papel do sistema escolar, uma vez que elege uma cultura e faz uma avaliação excludente e seletiva. Isso acaba por não avaliar o progresso real do discente, o que ele compreendia e o que assimilou do conteúdo ao longo do bimestre, semestre ou ano, no lugar disso avalia sua média escolar. Por consequência, toda a ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica, pois é imposta por um poder arbitrário, resultante de um arbitrário cultural. (BOURDIEU; PASSERON,1992, p. 63).

O arbitrário cultural é um fenômeno social que elege como legítima uma cultura particular de uma determinada classe social dominante, sem nenhum valor intrínseco. Essa condição se válida em uma relação de forças entre grupos ou classes sociais existentes em uma mesma sociedade.

Porém, essa hierarquia cultural ocorre de forma oculta, por isso se mantém neste processo de ocultação aos olhos dos atores sociais, se validando como uma cultura universal. Essa validação oculta, é nomeada por Bourdieu como violência simbólica.

A seleção de significados que definem objetivamente a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico é arbitrária, na medida em que a estrutura e as funções dessa cultura não podem ser deduzidas de nenhum princípio universal, físico, biológico ou espiritual, não estando unidas por nenhuma espécie de relação interna à natureza das coisas ou à natureza humana. (BOURDIEU, 1975)

Estes dois fenômenos: o arbitrário cultural e a violência simbólica estão presentes na escola, de um modo oculto, visto que a escola precisa demonstrar neutralidade para se legitimar.

Entretanto a neutralidade por parte da escola é ilusória, pois os conteúdos ofertados e as relações sociais do campo escolar na verdade são atos políticos que visam manter a classe econômica presente.

Esquecendo-se da “herança cultural” de cada estudante, é constituído um currículo arbitrário, quer dizer, pensado em uma só classe social. Finalmente, a entidade escolar trata todos os seus discentes de maneira igual, ignorando o capital cultural que cada discente traz consigo.

Portanto não é ao acaso que crianças vindas de famílias com um capital econômico tem certas vantagens, uma vez que elas falam a mesma linguagem da escola e logo se adaptam melhor ao campo escolar. A escola para crianças que desfrutam de capital cultural é uma extensão de suas casas e por consequência, por terem maior facilidade com o conteúdo, esses jovens têm facilidade em adentrar em universidades de prestígio, corroborando com a reprodução da ordem social.

A violência simbólica presente na escola além de trazer consigo a aculturação, ela menospreza o conhecimento tradicional dos meios populares em prol do conhecimento arbitrário. Isso ocorre quando o estudante que sofre violência simbólica sente que o seu capital cultural é inferior ao capital cultural do outro, esconde sua cultura e imita a cultura legitimada.

Atualmente, as instituições de ensino podem ser alvo de prestígio e tentam se distinguir das demais, essas instituições expandiram seus currículos para ostentar maior conhecimento e preparo, com isso os estudantes se encontram mais exacerbados com o conteúdo. O oposto disso são instituições que sofrem da depreciação relativa, escolas que ofertam o conhecimento básico, que, vale ressaltar, também é seletivo. Como o campo

escolar também atende a um mercado e uma demanda, é possível notar essa troca de capital econômico por capital cultural e vice-versa, como uma corrente de continuidade.

Além do conhecimento curricular a escola avalia a elegância verbal, a desenvoltura com o vocabulário, assim o aluno também é avaliado em seu conceito social, transformando os critérios sociais em critérios de avaliação escolar. O estudante deve se encaixar ao padrão escolar, para que tenha uma boa imagem social com os seus avaliadores, pois os professores tendem, ainda que inconscientemente, a valorizar estudantes mais próximos ao seu capital cultural e capital social.

O julgamento ocorre a partir da desigualdade imposta no ambiente escolar, um reconhecimento do “saber legítimo”. Por exemplo, profissões bem remuneradas como magistratura, medicina, engenharia, dentre outras, são cercadas de capital econômico e prestígio. Em contraponto, temos profissões pouco valorizadas, que são pouco remuneradas, aquelas passadas em entre gerações familiares, ou no cotidiano do indivíduo. Como exemplo há a carpintaria, trabalho manual, técnicas artesanais, entre outras, estes ofícios citados que, em geral, não são ensinados nas escolas brasileiras e, por isso, são tão desvalorizados. Esse Nesse contexto recorrente, faz-se reconhecer a uma suposta superioridade e legitimidade da cultura dominante, até mesmo por parte dos dominados, que não se encaixam no capital cultural da escola e procuram profissões aprendidas diante do seu capital cultural.

Mediante a este cenário atual, pretende este trabalho refletir a respeito do conceito de capital cultural aplicado a Ciência da Educação Física, com a pretensão de que, a partir dele, poder-se compreender o conceito de capital corporal. Para averiguar a sociologia mediante ao corpo e as aulas de Educação Física, com o auxílio do conceito do “capital cultural”. Conforme investigações do próprio autor, que serão descritas no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2 - Campo Esportivo e a Escola

O autor Pierre Bourdieu ao longo de suas pesquisas colaborou com interpretações sobre o corpo e o esporte, no livro intitulado “ A distinção crítica social do julgamento ”, o autor cita o capital corporal e afirma que as propriedades corporais podem se transformar em moeda de troca para alcançar lucros sociais e capital social.

Para Bourdieu, o capital corporal abrange as competências corporais necessárias para a prática esportiva e quando as competências corporais são compreendidas de forma prematura pode ser rentável economicamente e socialmente ao praticante do campo esportivo.

O autor, cita o corpo como um produto social. O corpo é uma forma de linguagem a qual expomos aos outros indivíduos, sem se quer termos esta intenção.

O corpo deve ser levado em consideração por significar, de maneira mais adequada, a natureza de uma pessoa, funcionando, portanto, como um meio de linguagem da identidade social em que “se é falado, mais do que se fala”. (BOURDIEU, 1977)

O corpo é um determinante social, pois é moldado com base no *habitus* de cada indivíduo. *Habitus* é o que definimos do nosso estilo de vida, por exemplo, nossas atitudes, o esporte que jogamos ou o time que escolhemos torcer. Além disso, o *habitus* influencia na nossa prática motora, nas técnicas do corpo, nas habilidades manuais, em nosso modo de caminhar, sentar, enfim até mesmo nas ações posturais. Porém, é muito importante destacar que o indivíduo não o define de maneira consciente, apenas reproduz o *habitus* de um determinado grupo social que pertence.

Escolher um esporte para torcer ou praticar, relaciona-se a uma série de características culturais e de classe social. Essa relação do corpo com as classes social é vista de maneira dissemelhante. Enquanto a classe popular prefere esportes de combate, produzindo maior esforço e utilizando o corpo como uma ferramenta, a classe dominante trata o corpo de uma maneira higienista, sempre pensando na qualidade de vida, saúde e equilíbrio.

Campo é um espaço de práticas sociais, no qual se atribuem posições compatíveis com o capital social, econômico ou cultural de cada oponente, o campo é um espaço que determinado grupo anseia em conservar e hierarquizar, cada campo obedece

a uma lógica própria. Bourdieu ao longo de seus estudos definiu vários espaços sociais que utilizam o campo para se conservar, seria o campo artístico, científico, cultural, da alta costura, do poder, econômico, esportivo e filósofo.

Para exemplificar melhor basta imaginar os agentes de cada campo citado em um conjunto, em um espaço social específico e neste espaço há uma organização fundada sobre uma hierarquia específica do campo. Em conformidade com o campo os capitais serão específicos

O campo esportivo apresenta diversas relações de forças entre os seus agentes, como em qualquer outro campo, que buscam a todo momento a dominação deste campo através do capital simbólico e da hegemonia do campo. Esta relação de corpo, movimento e cultura resulta no esporte. E um dos aspectos do esporte moderno é o campo esportivo.

Os agentes a todo momento jogam o jogo do capital específico do campo esportivo, tendo em vista um ideal moral. Nesse contexto, é possível se manter a conservação do campo e sua estrutura, porém de acordo com as regras do campo esportivo, um exemplo desse seguimento é o *Fair Play*. Segundo, Bourdieu, *O fair play é a maneira de jogar o jogo dos que não se deixam levar pelo jogo a ponto de esquecer que é um jogo, dos que sabem manter a "distância em relação ao papel"* (BOURDIEU, 1983).

A cultura corporal se trata dos esportes praticados, conhecidos ou assistidos/acompanhados. Os times que se escolhe torcer declaram a cultura e capital econômico. O futebol, por exemplo, é o esporte de mais evidência no Brasil como relatado no Atlas do esporte no Brasil. Além de muitos praticantes e torcedores, é o esporte que recebe mais atenção da imprensa nacional, sendo o mais televisionado no país.

O futebol está apto a sofrer como quantidade de participantes, ajustes espaciais da quadra, como campo menores, ou campos de terra ao invés do gramado. Assim, o futebol recebe alterações para se encaixar no *habitus* dos brasileiros, por isso é o mais praticado no Brasil. Em contraponto não é possível ou de fácil acesso a todas as classes brasileiras praticarem o tênis ou mesmo a natação, esportes dispendiosos, e que necessitam de constante prática para desenvolver a técnica. Nesses esportes, se faz necessário um professor e um espaço específico, para se tornar um praticante ou atleta.

As modalidades esportivas, como prática corporal e cultural, também se mostram como uma forma de condutora social, há grupos segmentados e classes dominantes que escolhem modalidades distintas, ou seja, modalidades pouco difundidas. Quando uma modalidade é expandida para todas as classes sociais ela se torna vulgar.

Sob esta perspectiva resta claro que há um amplo hiato entre os esportes desenvolvidos para as elites e para as classes populares, tanto no que diz respeito à prática quanto à exibição. Os esportes da classe social mais abastada possuem distinção, exemplos são o golfe, o nado sincronizado, o hipismo, todos eles muito difíceis de se praticar, pois carecem de especificidade complicadas de serem atendidas por todas as classes. Na ocasião em que um esporte perder sua distinção se tornando popular, como o caso do futebol, ele é substituído por outro de maior prestígio.

Faz-se importante frisar que até mesmo esportes populares têm a sua maneira de distinguir seus telespectadores. Isso ocorre por meio de espaços específicos que segregam tipos de público com base no que ele pode ou está disposto a dispendar para acompanhar o esporte, como um camarote de estádio ou canais TV a cabo. Uma outra forma de distinguir os espectadores é segmentar a exibição entre esportistas amadores e o alto-rendimento.

O capital social é um dos componentes da distinção entre as modalidades, visto que, classes sociais dominantes e populares agem de forma diferente como espectadores, torcedores ou atletas. A conduta de um torcedor popular condiz em xingar, pular, gritar e toda essa manifestação exalta competitividade. Por outro lado, a conduta do torcedor da classe dominante estabelece uma relação menos apaixonada e mais racional.

O capital social está presente em determinados clubes voltados a modalidades específicas como o golfe, hipismo, pólo aquático, são modalidades que reúnem indivíduos socialmente semelhantes, da burguesia, cuja as agremiações possuem o objetivo de valorizar sua hierarquia social. Estas modalidades também podem ter o papel de entretenimento, um exemplo é a dança.

O esporte para a classe dominante, além de um ritual social, faz a manutenção da saúde do praticante, podendo ser mantido por muitos anos, dado que o esporte praticado não é desgastante e sim funcional para o corpo.

Dissemelhantemente, a classe dominada utiliza o esporte como uma ferramenta para a ascensão social e capital, afinal nos esportes profissionais não existe a barreira do capital cultural. O escopo são as valências do capital corporal. Desse modo, para muitos jovens de classes dominadas a única maneira de se atingir um capital econômico superior é através do esporte.

Essa esperança da classe dominada é uma espécie de violência simbólica, pois converge, da mesma forma que o capital econômico, cultural, para a segregação e hierarquização de um segmento social em relação a outro. O capital corporal, igualmente, seleciona seus agentes e poucos obtêm o êxito esperado, diferentemente do que é amplamente difundido acerca do tema: ser apenas uma questão de treino e esforço. Novamente, trata-se de uma característica comum aos demais capitais.

A consequência lógica é que as modalidades adotadas por crianças de classes dominadas, em sua maioria, são as modalidades populares, como o futebol, boxe, capoeira, atletismo, entre outras. As modalidades populares costumam exigir esforço e confronto entre os adversários, o que resulta em um tempo pequeno da prática no sentido da longevidade profissional por parte dos jogadores.

Pode-se identificar certas modalidades distintas, de classes dominantes, como funcionais e capazes de ser praticadas ao longo da velhice. Diferentemente, as modalidades populares oferecem riscos à saúde do corpo, demandam esforço e exigem muitas vezes confrontos com os seus adversários, por essas especificidades, a duração de prática de atividades esportivas populares não chegam a velhice.

Acerca da comunhão dos grupos e o respeito ao adversário, também é possível notar que há uma franca desigualdade, pois esportes distintos costumam valorizar o capital social do praticante e os indivíduos interagem harmonicamente durante o exercício da modalidade, demonstrando maior respeito aos adversários e menor confronto verbal. Em contrapartida, atividades esportivas populares exigem menos verbalização e maior confronto físico, o que instiga a maior rivalidade entre seus praticantes. Essas características culturais influenciam no modo em que os torcedores se comunicam entre si, e como lidam com as emoções ao assistir uma partida de qualquer que seja o jogo.

Assim, o campo esportivo determina aos seus praticantes regras e especificidades como local, material, técnica e professores específicos de cada

modalidade esportiva. Para atingir os padrões requeridos, é necessário para o atleta ou praticante possuir uma gama de distinções impostas como, capital econômico, capital social e elementos como altura, técnica e coordenação motora.

O conceito de capital corporal é se aplica a atributos físicos, performance, técnica, compreensão do jogo de maneira tática e da conscientização corporal como um todo. O biótipo do atleta e sua adaptação à modalidade, do mesmo modo, interfere no capital corporal. Enfim, o capital corporal é um conhecimento corporal de técnicas específicas compreendidas, junto a um conhecimento dinâmico do jogo.

O capital corporal da mesma maneira em que está presente no campo esportivo profissional, desempenha o um certo papel em aulas de educação física, e jogos amadores que acaba por selecionar pessoas aptas e inaptas a suas especificidades. Como o corpo é uma representação social, o capital corporal também interfere no capital social e simbólicos dos seus agentes.

O capital corporal pretende alcançar o capital simbólico, posto que, o esporte sempre procura reconhecimento. Os atletas, de forma individual ou coletiva, invariavelmente perseguem o destaque em suas funções. A natureza do alto rendimento é a competição e o destaque em seu meio social, por essa razão o alto rendimento e o campo escolar não deveriam se mesclar. Já que a educação física escolar tem a atribuição de provocar variadas vivências corporais, cognitivas e afetivas em relação ao corpo e não de ser ferramenta de uma reprodução corporal.

A somatização das relações sociais de dominação, para Bourdieu, é a própria ordem social se impregnando no corpo, como ele denomina, *hexis corporal*, isso é, a ordem social determina a ordem do corpo, ocasionando sua maneira de agir, sentir e pensar.

Os da dominação exercem por intermédio de uma relação de adesão corporal e o vocabulário da dominação estaria repleto de metáforas corporais, sendo que a submissão a uma “ginástica” da dominação encontra-se inscrita nas posturas, na maneira como se curva o corpo, onde a ordem social se inscreve de forma duradoura, e nos automatismos do cérebro. (BOURDIEU, 1982)

O capital corporal se relaciona com o capital econômico através do campo esportivo e alcança a aceitação pelo seu fator cultural, político e a expectativa gerada em

torno do esporte como um impulsionador de capital econômico. Porém, poucos são os agentes deste campo que conseguem atingir o resultado esperado.

Já no campo da educação física escolar, o capital corporal difere as crianças nas aulas, rotulando suas valências físicas e conhecimento do jogo. Neste campo em particular, o capital corporal pode sofrer diversas alterações, se tornando mais complexo, pois o professor que ministra a aula é quem tem o poder de dar significado ao capital corporal.

O significado pode se alterar de acordo com as correntes pedagógicas adotadas pelo professor, o conteúdo aplicado na aula e até mesmo a relação professor alunos, dado que o capital corporal pode ser administrado como uma experiência social.

É função do professor administrar a organização social dos estudantes durante as aulas, neste ambiente controlado, é realizável dar significado à linguagem corporal. Apesar do contexto externo de cada estudante, o educador interfere no capital corporal de seus escolares assim como em sua consciência corporal.

Contudo, a educação física escolar sofre com tensões no ambiente escolar. Por vezes, sua importância é desmerecida tanto no currículo, como em suas correntes pedagógicas e, até mesmo, nas cargas horárias semanais. No ambiente escolar é possível notar uma legitimação indevida de algumas disciplinas perante a outras.

Este trabalho não pretende frustrar docentes e suas correntes pedagógicas, e sim provocar uma reflexão a respeito de uma ciência extremamente rica que é a Educação Física e o seu ambiente social complexo. Dado que ciência da educação física não trabalha apenas o aspecto motor, mas sim o cognitivo, afetivo, cultural e social.

A Educação Física é uma ciência essencial para compreender o corpo e o meio social e as suas implicações dispõem de um poder de alternância em nossa sociedade.

Conforme a pesquisa evidenciará, à frente, que as especificidades como coordenação motora, qualidades corporais e qualidade técnica são elementos de distinção no ambiente da educação física escolar. Essa distinção baliza os professores que utilizam características corporais e a valência física para montar times escolares, de forma a distinguir atletas escolares de estudantes.

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo - de elite - e esporte popular - de massa - etc. (BOURDIEU;1983)

Analisada a história de alguns esportes, é possível perceber que diversos deles tiveram seu início a partir de jogos populares que foram modificados por escolas de elite à época. Estas instituições padronizaram movimentos e modificaram os jogos mais simples transformando-os nos esportes hoje conhecidos. Segundo o autor: “*os exercícios corporais foram separados dos acontecimentos ordinários jogos populares, e começaram a significar práticas elitistas.*” (BOURDIEU, 1983)

Transfigurando os jogos, as modalidades deram origem à técnica, às regras e à sistematização, tirando do praticante a autonomia. Até mesmo nos tempos atuais, muitas pessoas têm o pensamento de que o esporte é algo apenas motor e imposto a técnicas e regras, oferecendo disciplina aos seus praticantes e atletas.

Esse pensamento popular é baseado no histórico das modalidades, as quais foram pensadas, à época, para impelir o caráter, intensificar o higienismo e servir como um mediador social, moldando as aptidões sociais dos jogadores, através da moral. Esta ideologia demonstra correlação entre o capitalismo e o esporte, pois em ambos é necessária uma quantidade de esforço, porém com respeito as regras implícitas.

O campo esportivo, do mesmo modo, incita a liderança, o capital simbólico de conquistar algo, se destacando do coletivo e demonstrando superioridade a partir de um esforço físico, técnica ou velocidade.

Dimensão de uma teoria aristocrática, a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para afirmação das virtudes viris dos futuros líderes: o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de formar o caráter e inculcar a vontade de vencer, que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras, é o fair play, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço. (BOURDIEU, 1983).

Em uma das escolas observadas, o esporte tem o papel disciplinador, os atletas escolares precisam obter notas mínimas para se manterem no time. Historicamente a educação física nasce de um conceito funcionalista, neoliberal e capitalista, que pode ser observado até hoje nas aulas de educação física.

Apesar de correntes pedagógicas contrárias, como a Crítica Emancipatória e a Crítica Superadora, que apresentam um pensamento social e cognitivo sobre o corpo e as aulas de educação física, diversos representantes do governo acreditam que o papel da educação física escolar é servir de base para o esporte brasileiro, tornando a educação física escolar uma disseminadora do alto rendimento, projetando nas aulas de educação física a exclusão e distinção.

O papel político do esporte pode ser representado em grandes espetáculos, em manifestações de poder do país sede, que produzem grandes eventos esportivos como as Olimpíadas. Representações de prestígio e distinção entre nações campeãs estão presentes em grandes eventos esportivos, pois a competição é uma medida de força entre as nações.

O esporte espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre outros do show business, se o valor coletivamente reconhecido à prática de esportes (principalmente depois que as competições esportivas se tornaram uma das medidas da força relativa das nações, ou seja, uma disputa política) não contribuisse para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, ao mesmo tempo, as funções do simples consumo passivo. (BOURDIEU; 1983)

A mercantilização do esporte é perceptível, principalmente com a globalização, haja vista a possibilidade de que o público acompanhe pela mídia os jogos de outros países. A oferta e a demanda do campo esportivo são bem consolidadas. Os produtos esportivos, a mídia, a propaganda detém a oferta. Paralelamente, os profissionais da área, praticantes, professores, treinadores, jornalistas atuam na demanda.

A hierarquia no esporte é desvelada, isso é evidenciado em diversos meios desde os atletas serem categorizados por faixas de desempenho, até os espectadores que possuem locais específicos para assistir um espetáculo por exemplo. Essa lógica corrobora a afirmativa de que existe violência simbólica no esporte, assim como elementos de distinção.

Na escola, os elementos de distinção e violência simbólica, fazem parte da gama de valências do estudante, ou seja sua técnica, velocidade, destreza, posicionamento e estratégia e o seu somatotipo, suas características físicas, altura, adiposidade, muscularidade e magreza.

As valências físicas e somatotipo fazem parte da distinção imposta pelo voleibol por exemplo. Esporte popular no Brasil, cuja a técnica é necessária ao jogo. Durante a pesquisa, referente ao ensino fundamental, foi averiguado que o voleibol na escola, se tratava de um capital simbólico entre os estudantes, pois a maioria deles almejava fazer parte do time e atingir maior prestígio entre os estudantes. Logicamente para isso, os estudantes “atletas” precisam adquirir as técnicas e especificidades necessárias ao jogo, assim se destacando em meio aos outros estudantes nas aulas de Educação Física.

CAPÍTULO 3 - Análise dos Dados

Esta pesquisa qualitativa foi realizada a partir da análise de dados obtidos através da observação de aulas ministradas por três professores de educação física. O universo de análise contemplou sete aulas de cada professor. Em cada uma das aulas foi utilizado um roteiro de observação, cujos resultados constam nos Anexos A, B e C deste trabalho.

O roteiro de observação consolida dados como número de alunos, segmentado por gênero, ano escolar. A partir desses dados foi possível apurar que a pesquisa teve um total amostral de 559 estudantes.

As atividades, tanto práticas quanto teóricas, são mencionadas e descritas no relatório de observação, que esboça do mesmo modo a ordem das atividades e tempo de execução dos praticantes.

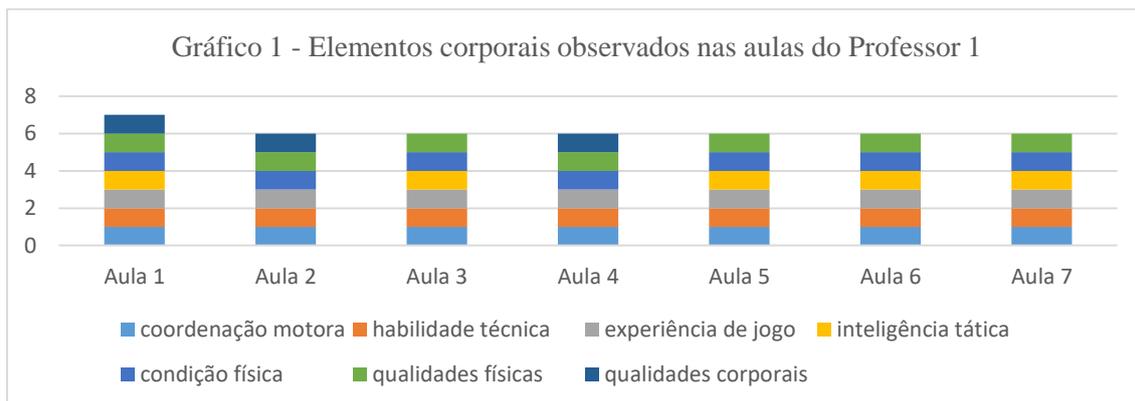
Para análise desta pesquisa foram considerados elementos corporais que influenciam na prática esportiva. No roteiro de observação, constam os elementos corporais avaliados nesta pesquisa, são eles: coordenação motora, habilidade técnica, experiência de jogo, inteligência tática, condição física, qualidades físicas e qualidades corporais. Todos estes elementos deveriam ser assinalados, se existentes, receberia o SIM e se inexistente, receberia o NÃO.

Ao final do relatório de observação foi verificado se houve algum elemento de distinção na prática corporal, se perceptível, deveria ser assinalado ao fim do relatório de observação. Conforme os demais termos, entre SIM e o NÃO.

O elemento de distinção avalia a prevalência ou não do capital corporal nas aulas de educação física, visto que o capital corporal é composto por elementos de distinção. A presença dos elementos de distinção é o que distingue as habilidades de um praticante para outro.

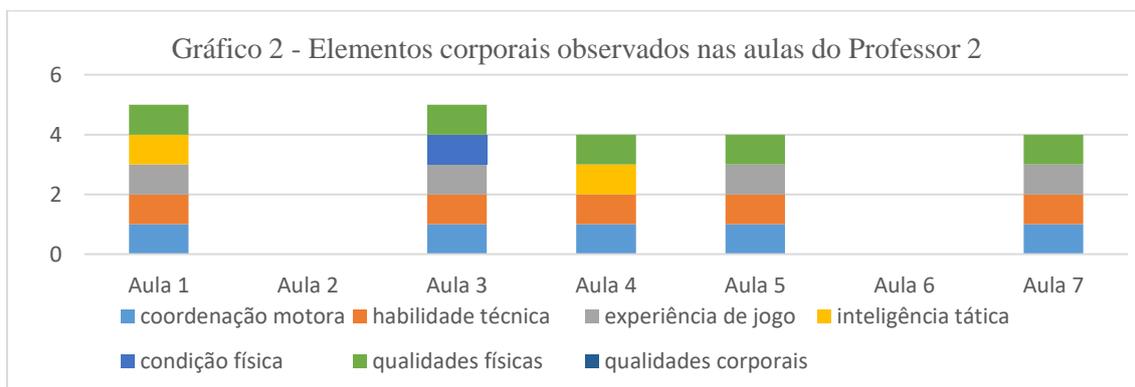
Com o auxílio do roteiro de observação e a partir dos dados ali consolidados, foram criadas tabelas que possibilitaram um entendimento superior dos dados e análise. As tabelas que originaram os gráficos estão disponíveis no Anexo D deste trabalho.

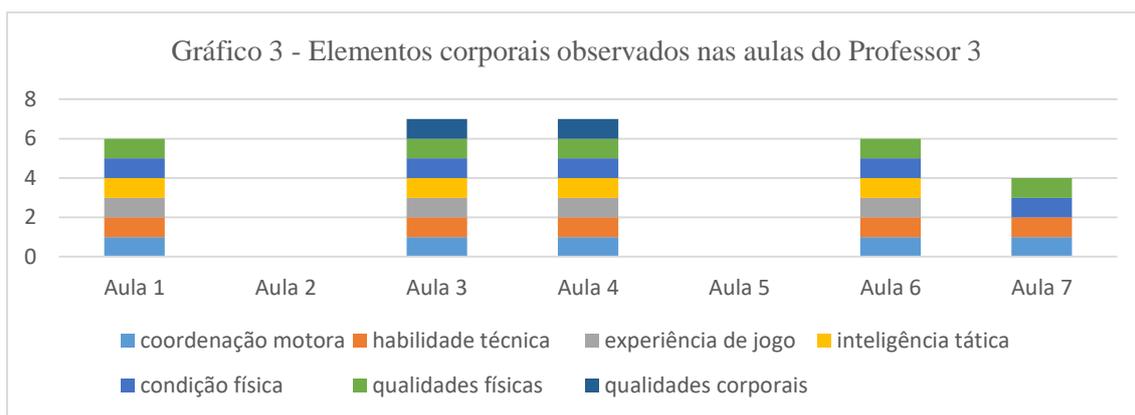
Algumas características demonstradas pelos dados desta pesquisa apontam que o professor 1 teve um percentual estatístico superior em relação aos outros professores em elementos de distinção ao longo de suas aulas. O Gráfico 1 indica sua maior utilização de valências físicas, que seriam os elementos atribuídos ao capital corporal. Em geral, isso ocorreu porque o professor 1 ministrou aulas esportivas em todas as suas intervenções analisadas, como é possível observar nos relatórios de observação do Anexo A.



Os Gráficos 2 e 3 demonstram uma semelhança estatística entre o professor 2 e professor 3 a respeito da ocorrência dos elementos corporais propostos por eles nas aulas observadas, ambos tiveram uma regularidade próxima.

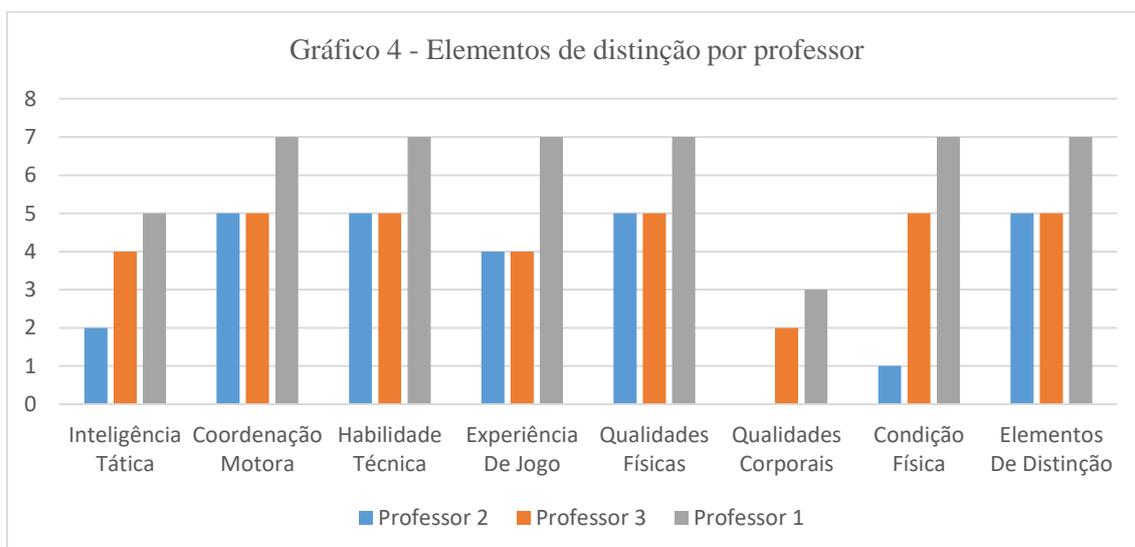
Considerando o roteiro de observação e os gráficos, podemos notar que tanto o professor 2 quanto o professor 3 ministraram aulas teóricas e esta variável exclui qualquer distinção corporal.





Vale ressaltar que, no quadro geral, os números estatísticos entre os três professores não se mostram tão dissemelhantes.

Com o auxílio do Gráfico 4 é possível analisar um apanhado de todas as aulas ministradas pelos professores separadamente, o que revela os elementos de distinção utilizados por cada um dos professores.



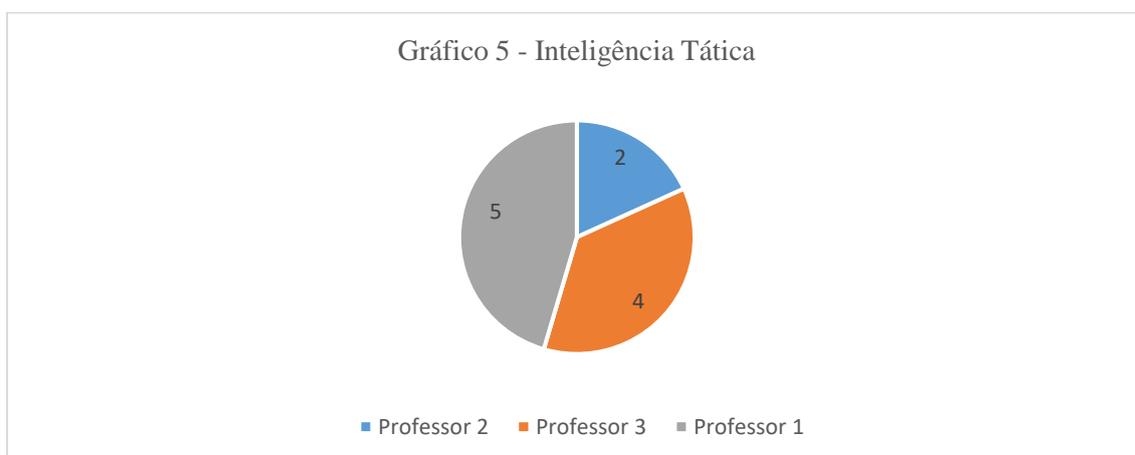
Trazendo algumas percepções sobre os dados, por exemplo, a qualidade corporal (que seria a característica anatômica de cada indivíduo) foi a menos utilizada como elemento de distinção entre os professores em suas aulas. Isso revela que apesar de especificidades técnicas, todos os estudantes conseguem participar da aula se falarmos em medidas antropométricas.

Percebe-se também, a partir da análise de dados, que o professor 2 foi o que menos atribuiu elementos de distinção em suas aulas em comparação com o universo da pesquisa.

A partir desse ponto, os elementos serão analisados individualmente. A inteligência tática é a compreensão lógica do jogo, ou seja, representa a tomada de decisão de cada atleta a respeito de situações imprevisíveis que ocorrem a todo momento nos jogos esportivos coletivos, onde ela está comumente presente.

Porém este elemento corporal, a inteligência tática, só pode ser observável em momentos de imprevisibilidade do jogo seja ele formal, informal ou reduzido.

O elemento corporal inteligência tática foi observado na pesquisa 11 vezes em um universo de amostra composto de 21 aulas. Quase metade das ocorrências se deu nas aulas ministradas pelo professor 1, 5 ocorrências, enquanto nas aulas do professor 2, foram 2 ocorrências e por fim nas aulas do professor 3, 4 ocorrências, conforme Gráfico 5.

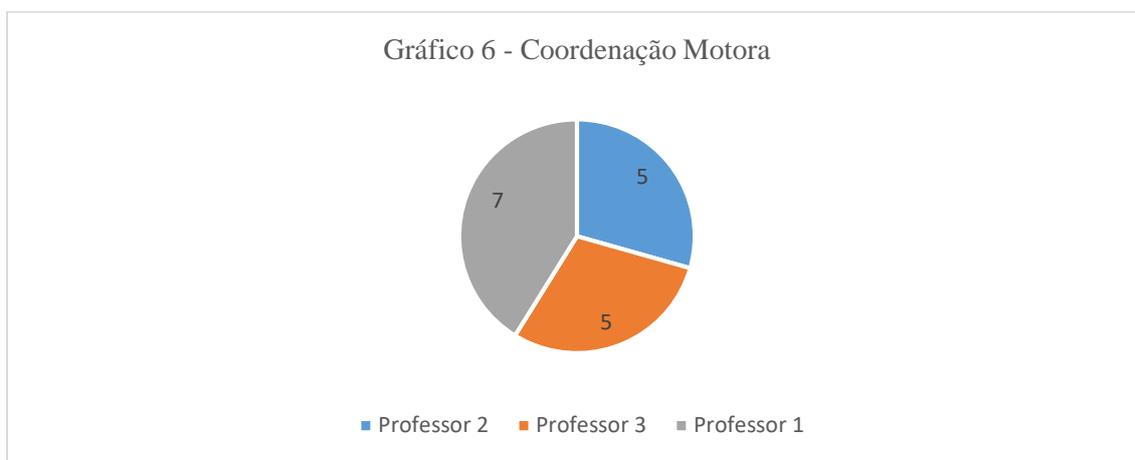


A coordenação motora é o domínio de gestos motores presentes nas execuções das atividades corporais. Ela pode ser classificada como coordenação motora grossa (está propensa a grandes grupos musculares) ou coordenação motora fina (orientada por pequenos músculos).

A presente pesquisa trata a respeito da coordenação motora grossa que está presente nos grandes grupos musculares de uma maneira global. Este elemento corporal é desenvolvido de forma duradoura, logo é específico a cada indivíduo, podendo ser mais desenvolvido ou menos desenvolvido por cada sujeito.

O elemento corporal, coordenação motora foi observado na referente pesquisa 17 vezes em um universo de amostra composto de 21 aulas. Sendo 7 ocorrências nas aulas ministradas pelo professor 1, ou seja, a coordenação motora esteve presente em todas as aulas observadas. Tanto o professor 2 quanto o professor 3 tiveram 5 ocorrências do elemento.

É necessário informar a coordenação motora esteve presente em todas as aulas práticas de educação física, não sendo verificada em 4 aulas por se tratar de aulas teóricas, conforme Gráfico 6.



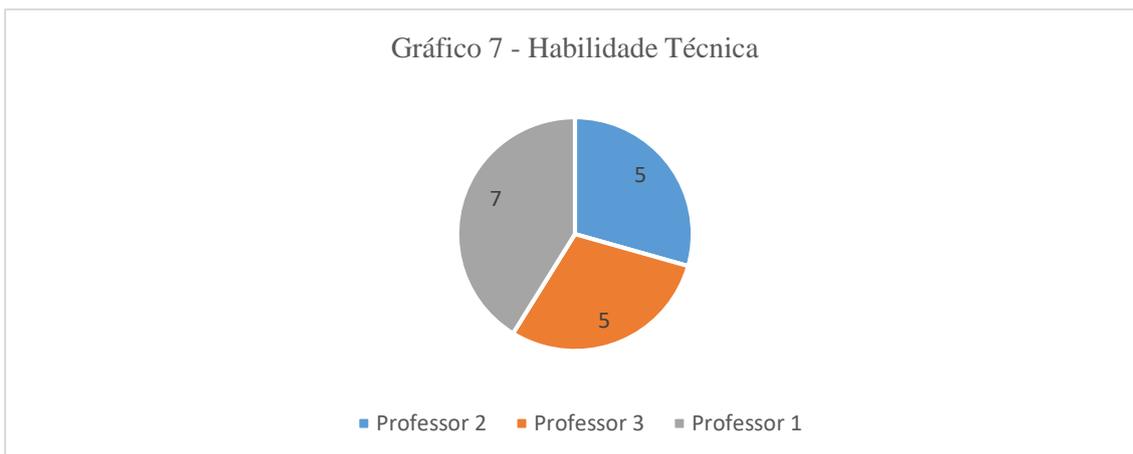
Habilidade técnica está ligada a eficiência do gesto motor, significa aprender um gesto técnico e acrescentá-lo ao seu esquema corporal, isto demanda tempo e repetição.

A técnica faz parte da aprendizagem da Educação Física e está ligada ao saber fazer, à prática mecânica. Nos planos de aula, a habilidade técnica pode ser objetivo procedimental.

A técnica é um dos elementos exigidos em competições esportivas, por isso é um dos elementos indispensáveis para o alto-rendimento, sendo repetida para ganhar eficiência e se tornar algo automatizado.

Na referente pesquisa a técnica foi observada 17 vezes, Gráfico 7. O professor 1 apresentou a habilidade técnica em todas as suas aulas, ou seja, 7 vezes, o professor 2 e 3 apresentaram 5 ocorrências.

Percebe-se também, a partir da análise dos dados, que a habilidade técnica esteve presente em todas as aulas práticas observadas.



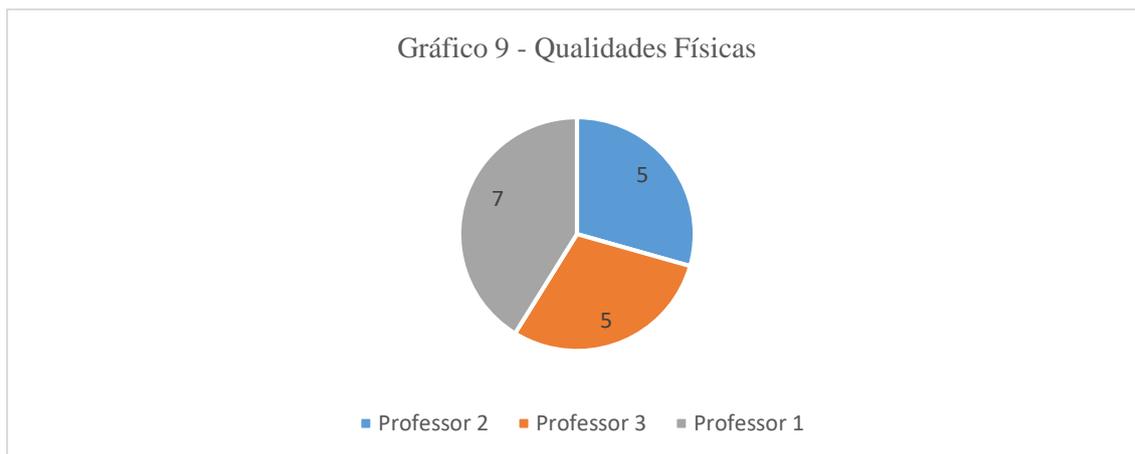
Experiência de jogo seria o conhecimento trazido do meio social do praticante, esta experiência prévia pode conferir ao praticante maior domínio da prática. No ambiente escolar pode ocorrer distinções entre os praticantes e ritmos de aprendizagem distintos.

A experiência de jogo foi observada 15 vezes, sendo que o professor 1 teve ocorrência deste elemento em todas as aulas, e o professor 2 e professor 3 apresentaram 4 ocorrências em suas aulas.



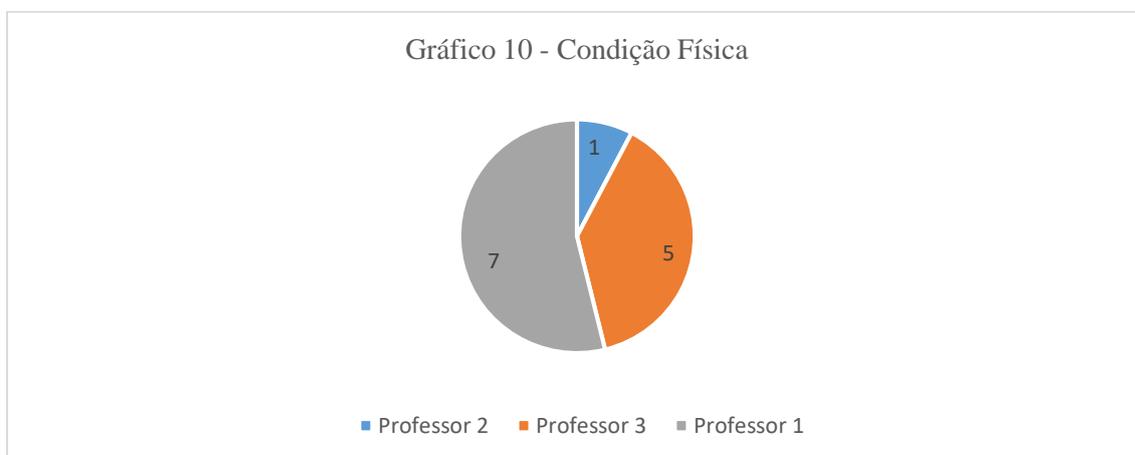
As Qualidades Físicas na presente pesquisa se refere a força, velocidade e resistência, Elementos corporais adaptáveis fisiologicamente após periodização. Estes elementos podem ser observáveis no alto-rendimento, sendo fundamentais para a competição.

As valências físicas força, velocidade e resistência foram observadas 17 vezes no universo amostral de 21 aulas. O professor 1 apresentou ocorrências em todas as aulas, já os professores 2 e 3 apresentaram 5 ocorrências, conforme Gráfico 10.



Condição física é a capacidade de resistir a esforços e suportar atividades físicas, ela pertence ao seguimento biológico. A condição física pode ser relacionada a saúde e ao bem-estar sendo vinculada ao estilo de vida do indivíduo, ou seja, para esse elemento corporal ser adquirido dependerá de um estilo de vida ativo.

Este elemento corporal, a condição física foi observada 13 vezes. O professor 1 apresentou ocorrências em todas as aulas, 7, o professor 2 teve apenas 1 ocorrência e, por último, o professor 3 apresentou 5 ocorrências, Gráfico 11.



As Qualidades corporais podem ser avaliadas por meio de medidas antropométricas, elas definem a estrutura corporal do indivíduo, podem ser definidas como, longilíneo (alto), normolíneo (mediano), brevilíneo (baixo).

A qualidade corporal, a princípio, não pode ser alterada, sendo inata, ou seja, que pertence ao ser desde o nascimento. Além disso, a qualidade corporal possui variáveis genéticas e nutricionais.

A qualidade corporal é indispensável em alguns esportes, claro que tendo como critério o alto-rendimento. Esportes como voleibol, ginástica, basquete e, mais recentemente, o atletismo, necessitam de características corpóreas específicas.

Na referente pesquisa a qualidade corporal foi observada apenas 5 vezes. O professor 1 demonstrou 3 ocorrências, o professor 2 não teve ocorrências enquanto o professor 3 trabalhou esse elemento em 2 de suas aulas.



A partir disso, é necessário mencionar as entrevistas realizadas com os professores, que foi um espaço para alguns pontos de argumentação de cada professor a respeito de sua interpretação livre em relação aos elementos corporais, que constam nos anexos E, F e G.

Ao fim das observações, cada professor concedeu uma entrevista. Os professores iniciariam a entrevista descrevendo suas trajetórias profissionais, após isso, os professores responderiam questões elaboradas nas quais a intenção era adquirir o conceito de cada professor a respeito dos elementos corporais vistos no roteiro de observação.

Após de argumentar a respeito do elemento corporal, cada professor, respondeu se o elemento corporal era utilizado por ele na montagem de equipes esportivas na escola.

Os professores 1 e 2 relataram que utilizam os elementos corporais na montagem de equipes esportivas, ambos afirmam que os elementos corporais apontam os mais habilidosos e que para eles nas práticas competitivas seria necessário treinar os mais habilidosos.

O professor 3, se mostra contra a competição na escola e contra a montagem de equipes esportivas na escola por defender uma visão formativa e não competitiva.

Individualmente os professores na entrevista evidenciaram quais elementos corporais eles achavam importantes para a montagem de equipes esportivas. Para o professor 1, o mais importante, dentro dos elementos corporais observados, é a questão da altura e habilidade técnica. Para o professor 2, seria uma junção dos elementos corporais (coordenação motora, inteligência tática, experiência de jogo, habilidade técnica, condição física, qualidade física e qualidades corporais) e para o professor 3, ele ressalta a importância cognitiva, afetiva e motora, diz também que não se preocupa com a competitividade. As entrevistas se encontram nos anexos E, F e G.

Os professores 1 e 3 argumentam que há erros na base da Educação Física escolar e que os alunos chegam em determinados anos do ensino básico com um déficit na coordenação motora. Já o professor 2 argumenta que seus alunos estão com o desenvolvimento da coordenação motora normal para a idade e série.

Após a coleta e análise dos dados, percebe-se que, ao menos nesta amostragem, a Educação Física escolar dispõe de capital corporal em todas as aulas práticas, mesmo que não se tenha esta intenção. Pois, em todas as aulas analisadas, é possível identificar elementos de distinção enfatizados em seus conteúdos.

CAPÍTULO 4 - Capital Corporal e Desigualdade Social na Escola

Quando Pierre Bourdieu faz uma pesquisa empírica do sistema escolar francês, juntamente com Jean-Claude Passeron, no livro *A Reprodução*, em 1975, ele refutou a igualdade de todos os estudantes naquele sistema de ensino.

Bourdieu definiu a escola como um espaço de reprodução social, que não é neutro em suas ações pedagógicas, que legitima as desigualdades sociais e mantém reprodução social. O autor fez uma análise dialética entre a escola e a sociedade, para conferir à escola o título de campo, uma vez que a escola tem o domínio da sua própria reprodução, embora submetida às pressões externas, vindas de diferentes grupos ou classes sociais. Contudo, como em qualquer campo ela quer manter suas estruturas e hierarquização.

Em momentos históricos da Educação Física brasileira, podemos notar que as concepções pedagógicas, os conteúdos ofertados e a estrutura da educação como um todo se mesclam aos momentos históricos vigentes da política brasileira, exemplo disso é o higienismo presente nos séculos- XIX e XX, assim como o tecnicismo presente na ditadura militar. Contudo o interesse é analisar os conteúdos que são selecionados em função dos acontecimentos, dos conhecimentos, dos valores e dos interesses das classes dominantes. Como argumenta Bourdieu, toda a ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica, pois é imposta por um poder arbitrário, resultante de um arbitrário cultural (BOURDIEU; PASSERON,1992, p 63).

O arbitrário cultural é ação de valorizar certa cultura, conhecimento, prática corporal e excluir outras culturas, linguagens e práticas corporais. Na Educação Física, também há escolha de um conteúdo em detrimento do outro, e essas escolhas não são neutras e expressam a legitimação da cultura dominante.

A pedagogia liberal tecnicista, por exemplo, tem sua origem no fordismo, com a industrialização e sua função é modelar o comportamento humano através de “técnicas” específicas. Durante o regime militar esta pedagogia era a utilizada no Brasil e o foco político era produção do país.

Para que o foco do conteúdo seja o estudante, como diz Libâneo, a condição para que a escola sirva aos interesses populares é garantir a todos um bom

ensino, isto é, a apropriação dos conteúdos escolares básicos que tenham ressonância na vida dos alunos. (LIBÂNEO, 2006)

Neste ponto como faz-se necessário perceber o contexto em que essa análise ocorre, a educação básica brasileira, mais que isso: a educação da capital federal, em um bairro específico, e não a francesa como analisa Bourdieu.

O Capital Corporal nas escolas, está presente nas aulas de Educação Física e pode ser identificado na organização social das aulas. Do mesmo modo, pode se averiguar a existência de um outro capital, que se atrela ao capital corporal, o capital simbólico, através do que é exibido nas aulas e da convivência social, juntamente com aspectos técnicos. Assim, tanto o capital corporal quanto o simbólico estão presentes nas aulas, afinal, como disse Pierre Bourdieu, o corpo é um meio de linguagem da identidade social (BOURDIEU, 1977).

O professor de Educação Física está continuamente convivendo com o capital corporal, capital simbólico e elementos de distinção em suas aulas, e caberá a ele, professor, mediar acontecimentos sociais a todo momento.

A linguagem corporal, juntamente com os elementos de distinção, se transforma na demonstração de violência simbólica entre estudantes e atletas no convívio das aulas de Educação Física.

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos, e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 1998, p. 53).

As montagens de equipes esportivas ocorrem nas escolas do Distrito Federal com o objetivo de participarem dos jogos escolares do Distrito Federal (JEDF), neste torneio, o estudante pode participar em duas categorias, de 12 a 14 anos, e de 15 a 17 anos. Além disso, o torneio esportivo dispõe de modalidades coletivas (basquete, futsal, handebol, voleibol) e individuais (atletismo, badminton, ciclismo, ginástica rítmica, judô, luta olímpica, natação, tênis de mesa, voleibol de praia e xadrez). A referência para localizar o regulamento deste evento está apontada na bibliografia.

As equipes esportivas que participam desses torneios, são estruturadas e treinadas pelos professores de Educação Física.

Se há capital corporal nas aulas de educação física, por ser impossível padronizar o aprendizado, havendo assim distinção entre os estudantes, apesar da aula ser coletiva e ministrada para todos. O processo de montagem de equipes esportivas distinguirá ainda mais os estudantes, afinal, o processo é seletivo e por si só a procura pelos mais habilidosos, o que o torna excludente e fonte de violência simbólica.

Segundo algumas abordagens (abordagem sistêmica, abordagem dos jogos cooperativos, saúde renovada e os PCN's), as aulas práticas devem valorizar o princípio da inclusão, logo as aulas devem ser coletivas e em um parâmetro generalista, para que todos os estudantes possam compreendê-la e vivenciar experiências corporais, assim ampliando o esquema corporal dos estudantes. Esse esquema corporal não deve ser reduzido ao esporte ou a competição, dado que a Educação Física estuda o movimento humano, seu contexto histórico e cultural, assim tendo inúmeros conteúdos a serem trabalhados.

O conceito de esquema corporal para Ajuriaguerra, no sentido amplo do termo, baseia-se em nunca se saber se se trata de um esquema funcional ou se aplica ao sentimento que possuído do corpo, do espaço corporal, ou, ainda, se ele dá nome a função dos mecanismos fisiológicos, que fornece o sentimento correspondente a estrutura real do corpo. (AJURIAGUERRA, 1977)

Do mesmo modo, o esporte isoladamente é um componente muito limitado para a Educação Física escolar. Afinal, o esporte na Educação Física escolar, é compreendido como um fenômeno sociocultural que envolve apenas uma esfera da Educação Física, que, claro, se ministrado acertadamente, de forma ampla, tanto na esfera cognitiva, atitudinal e social, torna-se parte da formação integral do estudante.

No ensino da prática esportiva pode-se trabalhar expressões corporais como: dança, jogos, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímicas, e outros que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem historicamente criados e culturalmente desenvolvidos. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Caso o conteúdo ministrado seja amplo, abrangendo um maior esquema corporal, haverá maior igualdade no capital corporal dos estudantes, dado que a turma aumentará a consciência corporal e não será especialista ou atleta de determinada modalidade esportiva. Porém mesmo nesse contexto, o capital corporal está presente nas experiências adquiridas no contexto social do estudante, como, a escolinha de futebol por exemplo, restando ao professor mediar a organização social da aula.

O conhecimento adquirido pelo capital corporal não se reduz aos conhecimentos científicos ou tecnicistas, ele emerge do contexto social, familiar e do *habitus*. É verossímil imaginar que uma criança que aprenda a nadar no rio com a família, mesmo sem conhecimento científico, terá maior facilidade ao adentrar em uma aula de natação para iniciantes, pois seu esquema corporal é maior e a experiência corporal com o meio aquático já a pertence.

Assim, o capital corporal está presente nas aulas práticas, pois os estudantes ou praticantes, trazem vivências externas à escola. Porém, quanto mais amplo o conteúdo ministrado ao longo do ano, maior será as vivências ofertadas aos estudantes. Este conteúdo pode ser ofertado de forma motora ou teórica, porém sem desprezar as vivências práticas, mas associando o conhecimento à prática motora.

Desse modo, quanto mais amplo o conteúdo, maior é o nível de consciência corporal, cognitiva, social e atitudinal, o que acarretará em uma formação integral e crítica.

É necessário compor um conteúdo rico e crítico, que não se ampare em especificidades motoras e táticas, mas que vá além disso. Que proporcione cidadania, criticidade, para que os estudantes possam compreender e julgar; por exemplo o esporte de alto-rendimento, ou escolher uma determinada cultura corporal para praticar e além disso socializar enquanto praticante, assim capaz de desfrutar de forma autônoma a cultura corporal.

Além dos conteúdos, o professor deve explorar a sua avaliação. Iniciando, por exemplo, o ano letivo, com a avaliação diagnóstica, a fim de perceber, as competências e os conhecimentos dos estudantes. A partir do diagnóstico é possível propor um conteúdo objetivo a cerca de sua turma. Como o autor Luckesi sugere, “ a avaliação diagnóstica não existe como uma forma solta isolada. É condição de sua

existência e articulação com uma concepção pedagógica progressista”. (LUCKESI 2005, P. 82)

A avaliação diagnóstica, potencializa um processo que valoriza a aprendizagem dos estudantes, pois com ela é possível identificar o ponto de partida de cada estudante, assim traçando o objetivo correto e descartando a lógica classificatória atual de algumas escolas.

A classificação ou reprodução social, produzida pela escola tem como base a avaliação somativa. Essa forma de avaliação tem como objetivo classificar os estudantes de acordo com o nível de aproveitamento deles, em momentos pontuais ao longo do ano ou semestre. Esse aproveitamento é mensurado em uma prova formal ou escrita e está baseada no conceito das notas e quantificação.

Essa classificação, a somativa, demonstra quantificação e não qualificação, por exemplo dois estudantes com a mesma nota e que não tiveram o mesmo ponto de partida, demonstraram uma compreensão igual do conteúdo. Porém se pensarmos no aspecto da aprendizagem, sabemos que eles não aprenderam exatamente a mesma coisa, para terem a mesma nota.

“A avaliação somativa normalmente é uma avaliação pontual, já que, habitualmente, acontece no final de uma unidade de ensino, de curso, um ciclo ou um bimestre etc. Sempre tratando de determinar o grau de domínio de alguns objetivos previamente estabelecidos”. (RABELO, 1998)

Em contraponto a essa avaliação, temos a avaliação formativa ou processual, que pretende melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Ela prevê que os estudantes possuem ritmos de aprendizagem diferentes, por tanto ela é preventiva e contínua.

A avaliação formativa utilizará feedbacks ao longo do ano, ou semestre, para prever o fracasso escolar. O professor, aqui, pode, a todo momento, modificar o processo de ensino e aprendizagem. Outra característica é a horizontalidade que há entre o estudante e o professor, que compreende a interação e o diálogo entre ambos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise do conceito de capital corporal, do sociólogo Pierre Bourdieu, no contexto da prática da Educação Física, na escola. Não se trata da aplicação de um conceito, mas da percepção e identificação de elementos presentes nas aulas de Educação Física, que sugerem ou se orientam pelas referências do conceito, como descreve o autor acima. Trata-se de um conceito que se relaciona e só é compreendido em combinação com outros conceitos da sociologia de Bourdieu, como campo, *habitus*, violência simbólica, arbitrário cultural, poder simbólico, etc.

Em 21 aulas observadas foram verificadas as ocorrências dos elementos corporais, a inteligência tática foi observada na pesquisa 11 vezes; a coordenação motora foi observada na referente pesquisa 17 vezes; a técnica foi observada 17 vezes; a experiência de jogo foi observada 15 vezes; as valências físicas força, velocidade e resistência foram observadas 17 vezes; a condição física foi observada 13 vezes e a qualidade corporal foi observada apenas 5 vezes.

Quando entrevistados individualmente os professores evidenciaram quais elementos corporais eles estimavam como os mais importantes para a montagem de equipes esportivas. Para o professor 1, é a questão da altura e habilidade técnica. Para o professor 2, seria uma junção dos elementos corporais (coordenação motora, inteligência tática, experiência de jogo, habilidade técnica, condição física, qualidade física e qualidades corporais) e para o professor 3, ele ressalta a importância cognitiva, afetiva e motora, diz também que não se preocupa com a competitividade. As entrevistas podem ser observadas nos anexos E, F e G.

Os professores 1 e 2, por sua vez, apontam como relevantes os elementos corporais na montagem de equipes esportivas.

O professor 3, se mostra contra a competição na escola e contra a montagem de equipes esportivas na escola por defender uma visão formativa e não competitiva.

Os professores 1 e 3 argumentam que há erros na base da Educação Física escolar e que os alunos chegam em determinados anos do ensino básico com um déficit na coordenação motora. Já o professor 2 argumenta que seus alunos estão com o desenvolvimento da coordenação motora normal para a idade e série que cursam

De acordo com os objetivos propostos, pode-se dizer que a trajetória do estudo teórico e a pesquisa realizada junto às aulas de Educação Física, demonstram a relevância de relacionar teoria e prática na interpretação e identificação de fenômenos, como a desigualdade e a diferença de capital corporal no espaço da escola. Desse modo, no esporte, o capital corporal possui um valor significativo, que possibilita escolhas e diferenciação de alunos na prática.

A pesquisa de caráter qualitativo realizada, permitiu essa percepção e interpretações, a partir de uma amostra de quinhentos e cinquenta e nove estudantes e vinte e uma aulas observadas, sendo sete aulas para cada docente. Identificou-se elementos corporais de distinção presentes nas aulas de Educação Física, ratificando que tais elementos se tornam moeda de troca na Educação Física escolar, apontando que o capital corporal torna-se capital simbólico, conferindo notoriedade a alguns alunos no campo escolar, que produz um desigualdade entre os alunos no espaço escolar.

Isso ocorre uma vez que o corpo é um meio de linguagem que expressa a relação do indivíduo com o meio social. A relação do corpo com o mundo é implícita e explícita ao mesmo tempo sendo uma fonte condutora de expressões entre o interior e o exterior do sujeito. Isso significa que através do corpo e da cultura corporal do movimento o sujeito se comunica com o meio. Porém, por vezes não há consciência entre o praticante, seu corpo, e as relações sociais, arriscando-se aos efeitos de dominação.

A dominação simbólica ou violência simbólica é vista como uma ferramenta de poder que atua na ordenação da realidade que pode ser compreendida e vivenciada, ou seja, define um padrão de pensamento à cerca da sociedade.

Vimos que o professor de Educação Física convive cotidianamente com o capital corporal, capital simbólico e elementos de distinção em suas aulas, e caberá a ele, professor, mediar acontecimentos sociais a todo momento; pois, a linguagem corporal, as habilidades técnicas e táticas no esporte, por exemplo, podem se transformar em elementos de apropriação pelo professor para promover inconscientemente a violência simbólica entre os alunos.

Contudo os capitais (corporal, cultural, simbólico, econômico e social) salientados por Bourdieu e os demais conceitos, como violência simbólica, campo, *habitus*, distinção e arbitrário cultural estão intimamente relacionados. Dada a importância do capital corporal para a Educação Física, a partir das observações das aulas práticas e as entrevistas realizadas, especificamente, ficou evidenciado que o capital corporal pode ser tomado pelos professores de Educação Física.

Finalmente, vale ressaltar que a noção de capital corporal está implícita na prática da Educação Física na escola e pode resultar em mais um mecanismo de distinção, produzindo a desigualdade entre aqueles que praticam ou não praticam esportes, por exemplo. Neste sentido, o capital corporal pode ser tomado como mecanismo de seleção de atletas na escola, considerando, por exemplo, as qualidades físicas dos alunos, permitindo que o professor de Educação Física escolha os melhores técnica e taticamente, afinal, não se trata só do físico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social do julgamento**. Edusp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo**. In BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*, p. 136-153, 1983.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BOURDIEU, P. Ce que parler veut dire. Entrevista com Didier Eribon. *Libération*, Paris, 19 out. 1982.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **Reponses por une antropologie reflexive**. Paris: Le Seuil, 1992
- BOURDIEU, P. **Remarques provisoires sur la perception sociale du corps**. ARSS, v. 14 p. 51-54, abr. 1977.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2004.
- _____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. **Escritos de educação**, v. 8, p. 39-64, 1998.
- BUSETTO, Áureo. A sociologia de Pierre Bourdieu e sua análise sobre a escola.
- CABRAL, Breno Guilherme de Araujo Tinoco et al. *Antropometria e somatotipo*: fatores determinantes na seleção de atletas no voleibol brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 33, n. 3, 2011.
- CARVALHO, A. SILVA, W. **Sociologia e Educação: Leituras e interpretações**. São Paulo: Avercamp Editora, 2006.
- CARTA CARDOSO DE MEREIDOS, Cristina. Habitus e Corpo Social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento**, v. 17, n. 1, 2011.
- CATANI, Afrânio et all. **Vocabulário Bourdieu**. 1ª. ed. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DACOSTA, Lamartine Pereira et al. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, p. 793-795, 2005.

DE AJURIAGUERRA, Julián; LÓPEZ-ZEA, Aurelio. **Manual de psiquiatria infantil**. Toray-Masson, 1977.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **57º Jogos Escolares do Distrito Federal - JEDF: Regulamento Geral**. Disponível em: http://escolas.se.df.gov.br/gefid/images/REGULAMENTO_GERAL_JEDF_2017_FIN_AL.pdf. Acessado em 03/10/2018.

METODOLOGIA, DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Coletivo de autores. 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. **Educação e Sociedade**, v. 27, n. 96, p. 843-876, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 2005.

MICELI, S. A força do Sentido. In: Bourdieu, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

RABELO, E. H. **Avaliação: novos tempos, novas práticas**. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. Brasiliense, 2017.

ANEXO A - Roteiro De Observação Professor 1

I - Dados de Identificação:

Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres

Local: Colégio Polivalente

Aula Nº 1

Observação de Aula do Professor Número: 1

Série: 9º ano Ensino: Fundamental

Data da Observação: 06 / 11 / 2017 Dia: Segunda-feira

Início do preenchimento: 7:30

Término do preenchimento: 08:20

Tipo de atividade observada no período da manhã: Basquete

Número de alunos (meninos): 14

Número de alunas (meninas): 13

Número total de alunos (total): 27

II – Focos de Observação:

1 – Organização/Divisão da aula:

A) Atividade 1: Conversa inicial

Tempo: 5 minutos

B) Atividade 2: Passes variados

Tempo: 30 minutos

C) Atividade 3: Jogo fim

Tempo: 15 minutos

D) Atividade 4: _____

Tempo: _____

E) Atividade 5: _____

Tempo: _____

2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):

1 - **Coordenação motora** (domínio de corpo na execução das atividades)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

2 – **Habilidade técnica** (repertório técnico)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

3 - **Experiência de jogo** (alunos que já trazem essa experiência de outros lugares)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

4 - **Inteligência tática** (compreensão lógica do jogo)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

5 - **Condição física** (capacidade de resistir a esforços e suportar atividades físicas)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

6 - **Qualidades físicas** (força, velocidade, resistência)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

7 - **Qualidades corporais** (longilíneo/alto, normolíneo/normal, brevilíneo/baixo)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

8 - **Elementos de distinção.**(elementos corporais que conferem ao aluno um “capital corporal”).

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

Anotações:

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

I - Dados de Identificação:

Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres

Local: Colégio Polivalente

Aula Nº 2

Observação de Aula do Professor Número: 1

Série: 9º ano Ensino: Fundamental

Data da Observação: 08/ 11 / 2017 Dia: Quarta-feira

Início do preenchimento: 07:30

Término do preenchimento: 08:20

Tipo de atividade observada no período da manhã: Basquete

Número de alunos (meninos): 15

Número de alunas (meninas): 14

Número total de alunos (total): 29

II – Focos de Observação:

1 – Organização/Divisão da aula:

A) Atividade 1: Conversa inicial

Tempo: 5 minutos

B) Atividade 2: Drible

Tempo: 20 minutos

C) Atividade 3: Arremesso

Tempo: 25 minutos

D) Atividade 4: _____

Tempo: _____

E) Atividade 5: _____

Tempo: _____

2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):

1 - **Coordenação motora** (domínio de corpo na execução das atividades)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

2 – **Habilidade técnica** (repertório técnico)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

3 - **Experiência de jogo** (alunos que já trazem essa experiência de outros lugares)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

4 - **Inteligência tática** (compreensão lógica do jogo)

Ocorrência: SIM () NÃO (X)

5 - **Condição física** (capacidade de resistir a esforços e suportar atividades físicas)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

6 - **Qualidades físicas** (força, velocidade, resistência)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

7 - **Qualidades corporais** (longilíneo/alto, normolíneo/normal, brevilíneo/baixo)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

8 - **Elementos de distinção.**(elementos corporais que conferem ao aluno um “capital corporal”).

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

Anotações:

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

I - Dados de Identificação:

Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres

Local: Colégio Polivalente

Aula Nº 3

Observação de Aula do Professor Número: 1

Série: 9º Ensino: Fundamental

Data da Observação: 10 / 11 / 2017 Dia: Sexta-feira

Início do preenchimento: 07:30

Término do preenchimento: 08:20

Tipo de atividade observada no período da manhã: Tênis mesa e atividade com corda

Número de alunos (meninos): 12

Número de alunas (meninas): 14

Número total de alunos (total): 26

II – Focos de Observação:

1 – Organização/Divisão da aula:

A) Atividade 1: Conversa Inicial

Tempo: 5 minutos

B) Atividade 2: Tênis de mesa em dupla ou atividade com corda

Tempo: 40 minutos

C) Atividade 3: _____

Tempo: _____

D) Atividade 4: _____

Tempo: _____

E) Atividade 5: _____

Tempo: _____

2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):

1 - **Coordenação motora** (domínio de corpo na execução das atividades)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

2 – **Habilidade técnica** (repertório técnico)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

3 - **Experiência de jogo** (alunos que já trazem essa experiência de outros lugares)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

4 - **Inteligência tática** (compreensão lógica do jogo)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

5 - **Condição física** (capacidade de resistir a esforços e suportar atividades físicas)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

6 - **Qualidades físicas** (força, velocidade, resistência)

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

7 - **Qualidades corporais** (longilíneo/alto, normolíneo/normal, brevilíneo/baixo)

Ocorrência: SIM () NÃO (X)

8 - **Elementos de distinção.**(elementos corporais que conferem ao aluno um “capital corporal”).

Ocorrência: SIM (X) NÃO ()

Anotações:

Atividades com corda tem grande influência com o esporte basquete.

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Colégio Polivalente Aula N° 4 Observação de Aula do Professor Número: 1 Série: 9º ano Ensino: Fundamental Data da Observação: 17 / 11 / 2017 Dia: Sexta-feira Início do preenchimento: 07:30 Término do preenchimento: 08:20 Tipo de atividade observada no período da manhã: Basquete Número de alunos (meninos): 16 Número de alunas (meninas): 13 Número total de alunos (total): 29		
II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 5 minutos B) Atividade 2: Passes variados Tempo: 10 minutos C) Atividade 3: Drible Tempo: 10 minutos D) Atividade 4: Arremesso Tempo: 25 minutos E) Atividade 5: _____ Tempo: _____		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo	X	
Inteligência tática	X	
Condição física	X	
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais	X	
Elementos de distinção	X	
Anotações:		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Colégio Polivalente Aula N° 5 Observação de Aula do Professor Número: 1 Série: 9º ano Ensino: Fundamental Data da Observação: 17 / 11 / 2017 Dia: Sexta-feira Início do preenchimento: 08:20 Término do preenchimento: 09:10 Tipo de atividade observada no período da manhã: Basquete Número de alunos (meninos): 14 Número de alunas (meninas): 10 Número total de alunos (total): 24		
II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 5 minutos B) Atividade 2: Jogo de basquete Tempo: 40 minutos C) Atividade 3: _____ Tempo: _____ D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo	X	
Inteligência tática	X	
Condição física	X	
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais	X	
Elementos de distinção	X	
Anotações:		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

<p>I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Colégio polivalente Aula N° 6 Observação de Aula do Professor Número: 1 Série: 9º ano Ensino: Fundamental Data da Observação: 22 / 11 / 2017 Dia: Quarta-feira Início do preenchimento: 07:30 Término do preenchimento: 08:20 Tipo de atividade observada no período da manhã: Tênis de mesa Número de alunos (meninos): 13 Número de alunas (meninas): 14 Número total de alunos (total): 27</p>		
<p>II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 5 minutos B) Atividade 2: Tênis de mesa em duplas Tempo: 40 minutos C) Atividade 3: _____ Tempo: _____ D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____</p>		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo	X	
Inteligência tática	X	
Condição física	X	
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção	X	
<p>Anotações: Aula de tênis de mesa em duplas, porém dividida por gênero.</p>		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

<p>I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Colégio Polivalente Aula N° 7 Observação de Aula do Professor Número: 1 Série: 9º ano Ensino: Fundamental Data da Observação: 22 / 11 / 2017 Dia: Quarta-feira Início do preenchimento: 08:20 Término do preenchimento: 09:10 Tipo de atividade observada no período da manhã: Aula livre Número de alunos (meninos): 15 Número de alunas (meninas): 11 Número total de alunos (total): 26</p>		
<p>II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 5 minutos B) Atividade 2: Tênis de mesa e atividade com cordas Tempo: 40 minutos C) Atividade 3: _____ Tempo: _____ D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____</p>		
<p>2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):</p>		
	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo	X	
Inteligência tática	X	
Condição física	X	
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção	X	
<p>Anotações: Tênis de mesa sem variações. Atividade com cordas realizada com prevalência de meninas.</p>		

ANEXO B - Roteiro De Observação Professor 2

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Colégio Polivalente Aula Nº 1 Observação de Aula do Professor 2 Série: 7º ano Ensino: Fundamental Data da Observação: 06/11/2017 Hora: 13:30 Dia: Segunda-feira Início do preenchimento: 13:30 Término do preenchimento: 14:20 Tipo de atividade observada no período da tarde: Fundamentos do voleibol Número de alunos (meninos): 12 Número de alunas (meninas): 11 Número total de alunos (total): 23		
II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa Inicial Tempo: 5 minutos B) Atividade 2: Manchete Tempo: 15 minutos C) Atividade 3: Recepção e saque. Tempo: 20 minutos D) Atividade 4: Jogo fim de voleibol Tempo: 10 minutos E) Atividade 5: _____ Tempo: _____		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo	X	
Inteligência tática	X	
Condição física		X
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção	X	
Anotações: Aula inicial de voleibol		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

<p>I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Colégio Polivalente Aula N° 2 Observação de Aula do Professor Número: 2 Série: 6º ano Ensino: Fundamental Data da Observação: 06/ 11 / 2017 Dia: Segunda-feira Início do preenchimento: 14:20 Término do preenchimento: 15:10 Tipo de atividade observada no período da tarde: trabalho e avaliação oral Número de alunos (meninos): 11 Número de alunas (meninas): 15 Número total de alunos (total): 26</p>		
<p>II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 5 minutos B) Atividade 2: Entrega de trabalhos da turma feito em duplas Tempo: 5 minutos C) Atividade 3: Avaliação oral das duplas Tempo: 40 minutos D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____</p>		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora		X
Habilidade técnica		X
Experiência de jogo		X
Inteligência tática		X
Condição física		X
Qualidades físicas		X
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção		X
<p>Anotações: Avaliação teórica.</p>		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

<p>I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Colégio Polivalente Aula N° 3 Observação de Aula do Professor Número: 2 Série: 6º ano Ensino: Fundamental Data da Observação: 10 / 11 / 2017 Dia: Sexta-feira Início do preenchimento: 13:30 Término do preenchimento: 14:15 Tipo de atividade observada no período da tarde: Saltos com cordas Número de alunos (meninos): 11 Número de alunas (meninas): 8 Número total de alunos (total): 19</p>		
<p>II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 5 minutos B) Atividade 2: Atividade com cordas. (Saltos e variações) Tempo: 40 minutos C) Atividade 3: _____ Tempo: _____ D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____</p>		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo	X	
Inteligência tática		X
Condição física	X	
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção	X	
Anotações:		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Colégio Polivalente Aula N° 4 Observação de Aula do Professor Número: 2 Série: 6º ano Ensino: Fundamental Data da Observação: 13 / 11 / 2017 Dia: Segunda-feira Início do preenchimento: 13:30 Término do preenchimento: 14:20 Tipo de atividade observada no período da tarde: Aula lúdica de voleibol Número de alunos (meninos): 16 Número de alunas (meninas): 12 Número total de alunos (total): 28		
II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa Inicial Tempo: 10 minutos B) Atividade 2: Vôlei com lençol Tempo: 40 minutos C) Atividade 3: _____ Tempo: _____ D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo		X
Inteligência tática	X	
Condição física		X
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção	X	
Anotações: Aula diversificada de voleibol.		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

<p>I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Colégio Polivalente Aula N° 5 Observação de Aula do Professor Número: 2 Série: 6º ano Ensino: Fundamental Data da Observação: 13/ 11 / 2017 Dia: Segunda-feira Início do preenchimento: 14:20 Término do preenchimento: 15:05 Tipo de atividade observada no período da tarde: Fundamentos do voleibol Número de alunos (meninos): 16 Número de alunas (meninas): 11 Número total de alunos (total): 27</p>		
<p>II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 5 minutos B) Atividade 2: Fundamento do Saque com direção. Tempo: 20 minutos C) Atividade 3: Recepção e manchete Tempo: 20 minutos D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____</p>		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo	X	
Inteligência tática		X
Condição física		X
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção	X	
Anotações:		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

<p>I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Colégio Polivalente Aula N° 6 Observação de Aula do Professor Número: 2 Série: 6º ano Ensino: Fundamental Data da Observação: 17 / 11 / 2018 Dia: Sexta-feira Início do preenchimento: 13:30 Término do preenchimento: 14:20 Tipo de atividade observada no período da tarde: Aula teórica .Número de alunos (meninos): 12 Número de alunas (meninas): 14 Número total de alunos (total): 26</p>		
<p>II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 5 B) Atividade 2: Aula teórica de alongamento Tempo: 40 minutos C) Atividade 3: _____ Tempo: _____ D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____</p>		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora		X
Habilidade técnica		X
Experiência de jogo		X
Inteligência tática		X
Condição física		X
Qualidades físicas		X
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção		X
<p>Anotações: Aula teórica.</p>		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

<p>I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Colégio Polivalente Aula N° 7 Observação de Aula do Professor Número: 2 Série: 6º ano Ensino: Fundamental Data da Observação: 24 / 11 / 2017 Dia: Sexta-feira Início do preenchimento: 13:30 Término do preenchimento: 14:20 Tipo de atividade observada no período da tarde: Avaliação física Número de alunos (meninos): 15 Número de alunas (meninas): 13 Número total de alunos (total): 28</p>		
<p>II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial e instruções Tempo: 10 minutos B) Atividade 2: Teste Motor (Saque e recepção) Tempo: 40 minutos C) Atividade 3: _____ Tempo: _____ D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____</p>		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo	X	
Inteligência tática		X
Condição física		X
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção	X	
<p>Anotações: Teste motor, enquanto um estudante realiza o saque, em um extremo da quadra, outros três estudantes aguardam o saque para realizar a recepção. Neste teste será avaliado em todos os estudantes os fundamentos do voleibol, referentes a saque e recepção.</p>		

ANEXO C - Roteiro De Observação Professor 3

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Setor Leste Aula Nº 1 Observação de Aula do Professor Número: 3 Série: 3º ano Ensino: Médio Data da Observação: 08 / 06 / 2018 Dia: Sexta-feira Início do preenchimento: 07:30 Término do preenchimento: 8:50 Tipo de atividade observada no período da tarde: Apresentação Número de alunos (meninos): 15 Número de alunas (meninas): 13 Número total de alunos (total): 28		
II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa Inicial Tempo: 5 minutos B) Atividade 2: Apresentação teórica em grupo Tempo: 40 minutos C) Atividade 3: Apresentação prática dos grupos Tempo: 40 D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo	X	
Inteligência tática	X	
Condição física	X	
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção	X	
Anotações: Nesta aula voltada ao terceiro ano, os estudantes tiveram que apresentar aos demais estudantes e ao professor, um trabalho voltado a nossa alimentação. Após a apresentação teórica, o grupo tinha que propor uma dinâmica prática voltada ao assunto do trabalho teórico.		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

<p>I - Dados de Identificação:</p> <p>Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Setor Leste Aula Nº 2 Observação de Aula do Professor Número: 3 Série: 3º ano Ensino: Médio Data da Observação: 09 / 06 / 2018 Dia: Sábado Início do preenchimento: 07:30 Término do preenchimento: 08:50 Tipo de atividade observada no período da manhã: Palestra Número de alunos (meninos): 12 Número de alunas (meninas): 9 Número total de alunos (total): 21</p>		
<p>II – Focos de Observação:</p> <p>1 – Organização/Divisão da aula:</p> <p>A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 10 minutos</p> <p>B) Atividade 2: Palestra Tempo: 60 minutos</p> <p>C) Atividade 3: _____ Tempo: _____</p> <p>D) Atividade 4: _____ Tempo: _____</p> <p>E) Atividade 5: _____ Tempo: _____</p>		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora		X
Habilidade técnica		X
Experiência de jogo		X
Inteligência tática		X
Condição física		X
Qualidades físicas		X
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção		X
<p>Anotações: Palestra voltada a saúde sexual.</p>		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

<p>I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Setor Leste Aula N° 3 Observação de Aula do Professor Número: 3 Série: 3º ano Ensino: Médio Data da Observação: 15 / 06 / 2018 Dia: Sexta-feira Início do preenchimento: 07:30 Término do preenchimento: 8:50 Tipo de atividade observada no período da manhã: Aula livre Número de alunos (meninos): 16 Número de alunas (meninas): 13 Número total de alunos (total): 29</p>		
<p>II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 10 minutos B) Atividade 2: Futsal ou voleibol Tempo: 60 minutos C) Atividade 3: _____ Tempo: _____ D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____</p>		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo	X	
Inteligência tática	X	
Condição física	X	
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais	X	
Elementos de distinção	X	
Anotações:		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

<p>I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Setor Leste Aula N° 4 Observação de Aula do Professor Número: 3 Série: 3º ano Ensino: Médio Data da Observação: 16 / 06 / 2018 Dia: Sábado Início do preenchimento: 07:30 Término do preenchimento: 12: 30 Tipo de atividade observada no período da manhã: Gincana Número de alunos (meninos): Número de alunas (meninas): Número total de alunos (total): Total de alunos matriculados na escola.</p>		
<p>II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Hino Nacional Tempo: 20 minutos B) Atividade 2: Gincana com diversos esportes. Tempo: 240 minutos C) Atividade 3: Encerramento Tempo: 20 minutos D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____</p>		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo	X	
Inteligência tática	X	
Condição física	X	
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais	X	
Elementos de distinção	X	
<p>Anotações: A gincana ofereceu uma disputa em diversos esportes, como futsal, vôlei de praia, natação e tênis de mesa.</p>		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Setor Leste Aula N° 5 Observação de Aula do Professor Número: 3 Série: 3º Ensino: Médio Data da Observação: 18 / 06 / 2018 Dia: Segunda-feira Início do preenchimento: 07:30 Término do preenchimento: 08:50 Tipo de atividade observada no período da manhã: Aula teórica Número de alunos (meninos): 14 Número de alunas (meninas): 13 Número total de alunos (total): 27		
II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 10 minutos B) Atividade 2: Aula teórica Tempo: 70 minutos C) Atividade 3: _____ Tempo: _____ D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora		X
Habilidade técnica		X
Experiência de jogo		X
Inteligência tática		X
Condição física		X
Qualidades físicas		X
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção		X
Anotações: <p style="text-align: center;">Aula teórica com relação a alimentação.</p>		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Setor Leste Aula N° 6 Observação de Aula do Professor Número: 3 Série: 3º ano Ensino: Médio Data da Observação: 20 / 06 / 2018 Dia: Quarta-feira Início do preenchimento: 07:30 Término do preenchimento: 8:50 Tipo de atividade observada no período da manhã: Aula livre Número de alunos (meninos): 17 Número de alunas (meninas): 14 Número total de alunos (total): 31		
II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 10 minutos B) Atividade 2: Queimada ou futsal Tempo: 70 minutos C) Atividade 3: _____ Tempo: _____ D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo	X	
Inteligência tática	X	
Condição física	X	
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção	X	
Anotações:		

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – Pesquisa Qualitativa

I - Dados de Identificação: Pesquisador responsável: Ester Geraldo Campelo Torres Local: Setor Leste Aula N° 7 Observação de Aula do Professor Número: 3 Série: 3º ano Ensino: Médio Data da Observação: 21 / 06 / 2018 Dia: Quinta-feira Início do preenchimento: 07:30 Término do preenchimento: 08:50 Tipo de atividade observada no período da manhã: Conteúdo multidisciplinar Número de alunos (meninos): 16 Número de alunas (meninas): 13 Número total de alunos (total): 29		
II – Focos de Observação: 1 – Organização/Divisão da aula: A) Atividade 1: Conversa inicial Tempo: 10 minutos B) Atividade 2: Ensaio de dança e representação Tempo: 70 minutos C) Atividade 3: _____ Tempo: _____ D) Atividade 4: _____ Tempo: _____ E) Atividade 5: _____ Tempo: _____		
2. Focos corporais (elementos corporais observáveis/perceptíveis da escolha dos alunos pelo professor nas atividades físicas/esportivas):	Sim	Não
Coordenação motora	X	
Habilidade técnica	X	
Experiência de jogo		X
Inteligência tática		X
Condição física	X	
Qualidades físicas	X	
Qualidades corporais		X
Elementos de distinção	X	
Anotações:		

ANEXO D – Tabela de Observação

Professores	Aulas	Quantidade de alunos	Coordenação Motora	Habilidade Técnica	Experiência De Jogo	Inteligência Tática	Condição Física	Qualidades Físicas	Qualidades Corporais
Professor 1	Aula 1	27	1	1	1	1	1	1	1
Professor 1	Aula 2	29	1	1	1	0	1	1	1
Professor 1	Aula 3	26	1	1	1	1	1	1	0
Professor 1	Aula 4	29	1	1	1	0	1	1	1
Professor 1	Aula 5	24	1	1	1	1	1	1	0
Professor 1	Aula 6	27	1	1	1	1	1	1	0
Professor 1	Aula 7	26	1	1	1	1	1	1	0
professor 2	Aula 1	23	1	1	1	1	0	1	0
professor 2	Aula 2	26	0	0	0	0	0	0	0
professor 2	Aula 3	19	1	1	1	0	1	1	0
professor 2	Aula 4	28	1	1	0	1	0	1	0
professor 2	Aula 5	27	1	1	1	0	0	1	0
professor 2	Aula 6	26	0	0	0	0	0	0	0
professor 2	Aula 7	28	1	1	1	0	0	1	0
professor 3	Aula 1	28	1	1	1	1	1	1	0
professor 3	Aula 2	21	0	0	0	0	0	0	0
professor 3	Aula 3	29	1	1	1	1	1	1	1
professor 3	Aula 4	26	1	1	1	1	1	1	1
professor 3	Aula 5	27	0	0	0	0	0	0	0
professor 3	Aula 6	31	1	1	1	1	1	1	0
professor 3	Aula 7	29	1	1	0	0	1	1	0

ANEXO E – Entrevista Professor 1

PLANEJAMENTO DA PESQUISA DE CAMPO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

ROTEIROS DE ENTREVISTA (INDIVIDUALIZADOS)

LOCAL: PLANO PILOTO

PESQUISADOR: ESTER CAMPELO TORRES

Roteiro N.º 01

Entrevista N.º 01

Profissional entrevistado: **Professor 1**

Escola onde atua: Centro de Ensino Fundamental Polivalente

Entrevistador: Ester Geraldo Campelo Torres

Local: Centro de Ensino Fundamental Polivalente

Horário: 10:00

Duração: 20 minutos

Permissão para gravar: (x) Sim () Não

Expectativas do Entrevistado (ato da entrevista): prestativo

I - Dados de identificação e trajetória profissional do entrevistado.

Eu me formei em educação física na UNB, os meus cinco primeiros anos de trabalho trabalhei como professor de futebol de campo na ABB e já estou aqui na escola mais ou menos 25 anos. Entre os esportes que eu aprecio mais gosto mais de vôlei e trabalho várias modalidades na escola, basquete, vôlei, futsal, mas dou preferência também que eu sinto mais prazer em trabalhar é o voleibol.

II – QUESTÕES

1 – Como é que você vê a questão da coordenação motora nas aulas de Ed. Física na escola?

A gente percebe que muitas vezes o aluno mesmo chegando no 9º ano, que é a série que eu trabalho, a gente ainda percebe que tem muita gente que não tem muita coordenação motora. Às vezes a gente fica achando que pode ser questão mesmo pessoal, o jeito da pessoa, muitas vezes a gente fica avaliando se não é uma falta de pré-requisito nas próprias aulas de educação física de séries anteriores.

2 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Sim, é muito importante, ainda mais que no meu caso eu trabalho com voleibol e a gente precisa de muita coordenação. Eu sempre digo para eles, que é um esporte bem difícil de aprender e a coordenação motora é uma das coisas necessárias para ele ser um atleta.

3 – 1 – Como é que você vê a questão da habilidade técnica nas aulas de Ed. Física na escola?

A gente percebe também que tem muitos alunos que chegam no 9º ano com habilidade, já outros parecem que não tiveram praticamente o preparo para algumas modalidades esportivas. Eu recebo, às vezes, por exemplo, aluno que não sabe dar nem o saque por baixo já no 9º ano. A gente fica meio preocupado com isso, mas depende muito do ano né, as vezes tem alunos que chegam bem preparados outros anos não, mas já deveriam ter uma noção básica do quadro de todos os esportes que a gente está acostumado a trabalhar, mas nem sempre isso acontece.

4 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Com certeza no caso do vôlei que eu trabalho, a gente espera que pelo menos que eles cheguem no 9º sabendo dá um saque por baixo, fazer um toque e uma manchete de forma razoável.

5 - 1 – Como é que você vê a questão da experiência de jogo, que alguns alunos têm em relação aos outros, nas aulas de Ed. Física na escola?

Na aula de educação física agente não sente tanta diferença, mas que a gente geralmente está trabalhando com a parte técnica e como não é algo de baixo de pressão, de torcida essas coisas, normalmente a experiência de jogo ela não faz tanta diferença, mas assim se ele tem qualidade técnica não.

6 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Normalmente, quando a gente chama para trabalhar com a equipe de vôlei, a gente não tem essa noção experiência de jogo, alguns até eu pergunto já treinou em algum lugar, já disputou campeonato, mas não para escolha, a gente percebe se isso vai fazer diferença mesmo ou não se ele for convocado para jogar no time da escola. E a gente percebeu alguma diferença, na hora mesmo da competição, mas a gente não tem como ter uma noção se o fato dele já ter tido alguma experiência faz muita diferença.

7 - 1 – Como é que você vê a questão da inteligência tática (inteligência para jogar) nas aulas de Ed. Física na escola?

Quando a gente percebe que o aluno tem uma noção boa, visão boa, uma leitura das questões que acontecem durante o jogo, isso, para nós, é importante, porque, inclusive, nos ajuda a colocar o aluno para, muitas vezes, orientar os próprios colegas, isso é importante sim. A leitura do jogo que a gente fala para eles.

8 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Sim, muitas vezes, quando a gente faz a seletiva, a gente percebe também que o aluno que além de ter uma boa habilidade, se ele tem uma boa noção, da visão do que está acontecendo no jogo,

o que precisa ser feito. Isso a gente leva em consideração também para chamá-lo para participar da equipe.

9 - 1 – Como é que você vê a questão da condição física nas aulas de Ed. Física na escola?

A gente percebe assim, a gente usa a aula de educação física mais do que para dar um condicionamento físico, mas para estimular o aluno a prática de esporte e da ele condições de ter uma noção de como se usa e faz a técnica correta de várias modalidades. Eu, pelo menos, não tenho aquela intenção de fazer com que as três aulas por semana, deem a ele uma excelente condição física, a gente espera que as aulas sejam mais para estimulá-lo a prática e aqueles que já tem a prática, já tem o costume na realidade é só um complemento daquilo que ele já faz.

10 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Sim, a gente considera isso importante, porque, se o aluno demonstrar que tem habilidade e ainda tem condição física boa, isso já dá mais crédito para ele participar da equipe.

11 – Como é que você vê a questão das qualidades físicas (força, velocidade, resistência) nas aulas de Ed. Física na escola?

Eu não faço avaliação disso especificamente, mas a gente percebe, pela própria aula aqueles que já tem mais capacidade nessas coisas e às vezes até a gente não só usa isso para convocá-lo para o time da escola, mas pode até usar isso como forma de indicar para ele alguma prática de esporte. Eu já tive aluno, por exemplo, que eu sabia que corria demais era muito veloz, que eu indiquei por exemplo para treinar atletismo no CIEF. Não era nada que eu fazia na escola. Não era o mesmo trabalho que a gente fazia na escola desportiva. Aí a gente indicava. A gente fica de olho nisso também.

12 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola? Você prefere qual dessas qualidades físicas no seu trabalho/montagem da equipe/time? Justifique.

Sim, com certeza.

13 - Como é que você vê a questão das qualidades corporais (longilíneo/alto, normolíneo/normal, brevilíneo/baixo) nas aulas de Ed. Física na escola?

No caso da aula de educação física a gente não tem muita preocupação com isso, porque como ele vai trabalhar vários tipos de modalidade, onde algumas podem fazer diferença a questão da altura ou não, mas não é algo com visão de competição no caso da educação física, a gente não fica muito preocupado com o biótipo dele não.

14 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola? Você prefere qual dessas qualidades corporais no seu trabalho/montagem da equipe/time? Justifique.

Sim. No caso, como eu trabalho com vôlei, se o aluno além de demonstrar condições físicas, habilidade, técnica boa e ele ainda tiver altura com certeza ele já vai ter mais chances do que um aluno que seja de uma estatura normal ou muito baixa. Se ele tem essa condição física nata, no caso do voleibol faz bastante diferença, mas eu tenho alunos por exemplo que não são altos e fazem parte da equipe. A minha atual capitã mirim inclusive é a menor do time e ela é a que tem tecnicamente mais capacidade, e ainda tem espírito de liderança, por isso que ela é a capitã do time, e é a mais baixinha de todas.

15 - Quais critérios o Sr. utiliza para escolher ou selecionar os alunos para a sua equipe/time?

De todas as coisas, o que mais me interessa é a questão da altura e habilidade, de todas as questões que você levantou durante a entrevista, a pessoa tendo boa técnica e tendo altura, são as coisas que eu mais levo em conta.

16 - No seu entendimento, os alunos da sua equipe/time se distinguem dos demais alunos das aulas de Ed. Física na escola? Justifique.

Normalmente, se a gente vai trabalhar um bimestre o voleibol, normalmente eles já vão se distinguir, apesar que eu tenho alunos que as vezes não fazem parte da equipe, porque já estão fora da faixa etária e jogam bem também, então eles também se destacam. Como eu cobro dos meus alunos da equipe, um bom rendimento escolar e disciplinar não só na minha matéria, mas nas outras. A tendência que até para eles permanecerem na equipe ele já se esforcem bastante nas aulas de educação física, porque eles sabem que estão sendo avaliados não só na hora do treino, mas também nas aulas de educação física

Anotações:

ANEXO F – Entrevista Professor 2**PLANEJAMENTO DA PESQUISA DE CAMPO****TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC****ROTEIROS DE ENTREVISTA (INDIVIDUALIZADOS)****LOCAL: PLANO PILOTO****PESQUISADOR: ESTER CAMPELO TORRES****Roteiro N.º 01**

Entrevista N.º 01

Profissional entrevistado: **Professor 2**

Escola onde atua: Centro de Ensino Fundamental Polivalente

Entrevistador: Ester Geraldo Campelo Torres

Local: Centro de Ensino Fundamental Polivalente

Horário: 10:30

Duração: 20 minutos

Permissão para gravar: (x) Sim () Não

Expectativas do Entrevistado (ato da entrevista): prestativo

I - Dados de identificação e trajetória profissional do entrevistado.

Sou formado pela UNB, entrei em 1998 e me formei em 2002 e de lá pra cá trabalhei em várias áreas da educação física, mas com relação a parte escolar eu entrei na Secretaria de educação em 2005 e pude trabalhar em vários lugares do Distrito Federal como Recanto das Emas, a Estrutural e agora no Plano Piloto. Tenho praticamente 12 anos de experiência na educação física.

II – QUESTÕES

1 – Como é que você vê a questão da coordenação motora nas aulas de Ed. Física na escola?

Atualmente com o público que eu estou atuando eu considero uma coordenação motora adequada a faixa etária deles e de acordo. Como eu dou aula para os 6º anos, de acordo com o currículo eles estão adequadamente, a maioria, praticamente uns noventa por cento.

2 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Sim. É um dos critérios né, porque toda montagem de time visa uma certa performance também, então a gente tem que recrutar os mais habilidosos, mas também a gente pode dar oportunidade a outros que tem menos habilidade.

3 – 1 – Como é que você vê a questão da habilidade técnica nas aulas de Ed. Física na escola?

Bom, com relação a parte técnica que eu estou interpretando, com relação aos fundamentos ele não é o meu norte principal porque eu dou aula para os 6º anos e não é a parte principal porque eu utilizo o movimento como meio e não como fim, para atingir outras habilidades, mas existe a prática da parte técnica também, mas não é o ponto principal.

4 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Sim. É igual a coordenação motora né, elas são juntas, caminham juntas, para você montar times para adquirir uma certa performance, existe esse critério sim.

5 - 1 – Como é que você vê a questão da experiência de jogo, que alguns alunos têm em relação aos outros, nas aulas de Ed. Física na escola?

Eu acho válida porque ele pode ampliar os horizontes de outros que não tem essa experiência, então ele seria como se fosse até o monitor do professor, porque ele já tem experiências já e pode repassar isso para os colegas.

6 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

A parte tática para os 6º anos não é tão cobrada, mas em alguns jogos pré-desportivos e brincadeiras a gente acaba estimulando o raciocínio tático, o raciocínio de jogo que ele já vai se preparando para um aperfeiçoamento da tática.

7 - 1 – Como é que você vê a questão da inteligência tática (inteligência para jogar) nas aulas de Ed. Física na escola?

Compõe dentre os fatores, aquele aluno que tem um raciocínio de jogo e uma inteligência tática, ele pode ter um desempenho melhor em um jogo competitivo.

8 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Sim, adotaria esse critério

9 - 1 – Como é que você vê a questão da condição física nas aulas de Ed. Física na escola?

A questão da condição física não é preponderante, eu não faço aulas especificamente para manter condicionamento físico, eles vão entrar como fatores secundários, então por meio de uma brincadeira você pode exigir uma certa valência física, é nesse sentido, é como se ele fosse fazer a atividade e ganhar a condição física de maneira secundária.

10 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Com relação a parte de competição, toda a equipe tem que ter uma preparação física, se não, não consegue suportar o jogo, por mais que seja boa tecnicamente. Então com certeza é um fator relevante para a montagem de times.

11 – Como é que você vê a questão das qualidades físicas (força, velocidade, resistência) nas aulas de Ed. Física na escola?

Segue basicamente o anterior. Vou dar um exemplo, trabalho de força não é um trabalho de força específico, mas eu posso utilizar uma brincadeira que exija força, mas não de uma maneira muito regular, como se fosse uma periodização de força para uma equipe de clube esportivo. A parte escolar não tem essa finalidade, principalmente na faixa etária que eu ministro as aulas, se eu ministrasse aulas de alunos com a faixa etária mais elevada, como 8º e 9º anos, eu acredito que essa parte das valências físicas devem ser mais acentuadas.

12 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola? Você prefere qual dessas qualidades físicas no seu trabalho/montagem da equipe/time? Justifique.

Eu acho que seria a junção de todos, não adianta eu ter um time veloz se ele não consegue suportar essa velocidade e para você ser veloz, você tem que ter força, então para mim é sistêmico, não tem como eu escolher uma capacidade física e priorizar, tem que ser tudo dentro do mesmo pacote.

13 - Como é que você vê a questão das qualidades corporais (longilíneo/alto, normolíneo/normal, brevilíneo/baixo) nas aulas de Ed. Física na escola?

Com relação à educação física escolar, o objetivo dele, do estudante é experimentar vivências então é lógico que cada um tem sua limitação, porém eles vão ter a capacidade de fazer. O objetivo é experiências motoras não relacionada a performance.

14 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola? Você prefere qual dessas qualidades corporais no seu trabalho/montagem da equipe/time? Justifique.

Agora com relação a montagem de equipes, exige lógico uma classificação e uma diferenciação para ter o êxito esportivo.

15 - Quais critérios o Sr. utiliza para escolher ou selecionar os alunos para a sua equipe/time?

Seria mais ou menos um resumo, aquela questão da capacidade física, as valências físicas, que são importantes para montagem, a questão de inteligência de jogo, de estratégia, de tática, alunos que tem uma capacidade cognitiva de entender melhor o jogo, a questão de habilidades técnicas de coordenação motora, é a gama de todos esses fatores que fazem com que você monte o que seria um time ideal. Agora apesar de você

ter tudo isso em suas mãos, você tem que ter a capacidade do treinamento, porém todos os fatores iriam facilitar o processo.

16 - No seu entendimento, os alunos da sua equipe/time se distinguem dos demais alunos das aulas de Ed. Física na escola? Justifique.

Se a gente for ver a questão da performance sim, existe uma diferença, mas é como eu falei, depende do seu objetivo. A parte escolar eu entendo que a preponderância não é performance, é você estimular o motoramente, cognitivamente, emocionalmente, dá oportunidade a todos. Agora montagem de time você vai ter que fazer um critério de seleção.

Anotações:

ANEXO G – Entrevista Professor 3

PLANEJAMENTO DA PESQUISA DE CAMPO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

ROTEIROS DE ENTREVISTA (INDIVIDUALIZADOS)

LOCAL: SETOR LESTE - DF

PESQUISADOR: ESTER CAMPELO TORRES

Roteiro N.º 01

Entrevista N.º 3

Profissional entrevistado: **Professor 3**

Escola onde atua: Centro de Ensino Médio Setor Leste

Entrevistador: Ester Geraldo Campelo Torres

Local: Setor Leste

Horário: 11:00 am.

Duração: 25 minutos

Permissão para gravar: (X) Sim () Não

Expectativas do Entrevistado (ato da entrevista): Solicito.

I - Dados de identificação e trajetória profissional do entrevistado.

Sou professor de Educação Física, estou na Secretaria de Educação há 24 anos. Só que antes de trabalhar na rede, eu trabalhei 11 anos com adultos na ginástica laboral.

Em 1994, vim para Secretaria onde me apaixonei tanto pela escola que fui fazer uma especialização em educação física escolar, começando mestrado na área da psicomotricidade e desenvolvimento motor, mas não consegui concluir o mestrado. Esses 24 anos de Secretaria, eu permaneci 16 anos no Setor Leste, sendo a escola que eu mais fiquei.

Essa escola, Setor Leste, realmente teve um fator determinante na minha vida, pois quando eu cheguei, às aulas de educação física eram livres, o aluno fazia o que queria. Eu achei estranho, pois eu vi uma coisa na Universidade e outra na prática.

Então à medida que os professores mais antigos foram saindo eu fui fazendo com que a Educação Física tivesse realmente perfil em cima dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em cima dessas perspectivas que eu comecei a trabalhar com eles.

Foi um sucesso porque eu acredito que nós temos que sair do padrão, eu sei que o Brasil é o país do futebol, mas Educação Física não é o “Reino de Futebol”, não é só aquela questão da queimada e do futebol. É isso que esses meninos têm visto de 1ª a 4ª série e quando chegou aqui no ensino médio, chegam sem base nenhuma, então eu procurei trabalhar de forma lúdica e bem interativa.

II – QUESTÕES

1 – Como é que você vê a questão da coordenação motora nas aulas de Ed. Física na escola?

A questão da coordenação motora fina, eu percebo que ela tem sido deixada de lado porque na Educação Básica, que deveria trabalhar essa questão, foi deixado de lado. O que eu percebo, é que os meninos chegam aqui sem base, aí quando eu pergunto, o que eles viram de primeira a quarta série, que era onde tinha que ser visto a coordenação motora, eles falaram para mim que jogavam queimada e futebol. Creio que o erro está lá na base de quem trabalha lá com as séries iniciais de primeira nona série.

2 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Eu sou contra a linha de competição dentro da escola, eu sou de uma linha humanista, de uma linha que acha, os jogos cooperativos interessantes, mas quando partimos para competição, aí voltamos há um tempo atrás quando tínhamos CID na escola. Fora isso, temos uma grade longa, não sobra tempo para dar treino, e concluindo não temos nem recurso nem o material e a visão do Setor Leste é formativa, visando com que eles passem no vestibular e no Enem.

3 – 1 – Como é que você vê a questão da habilidade técnica nas aulas de Ed. Física na escola?

Nós tínhamos um trabalho em conjunto com o professor Paulo, lá do Polivalente, em que ele fazia um trabalho de iniciação ao voleibol, daí os garotos chegavam aqui na escola com uma boa base. Mas isso tem se perdido, nas aulas de Educação Física de primeira a nona série e os meninos chegam aqui sem conhecimento nenhum.

4 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Não adotaria, pois eu acredito que a Educação Física nesse quesito se torna excludente, porque só vão jogar os melhores e com isso você não prioriza aquelas pessoas que não sabem jogar, a aprenderem essa modalidade. Eu priorizo todos, para todos terem a oportunidade de participar das dinâmicas e vivências, explorando todas as questões de habilidades motoras nas aulas.

5 - 1 – Como é que você vê a questão da experiência de jogo, que alguns alunos têm em relação aos outros, nas aulas de Ed. Física na escola?

Como eles não vivenciaram isso da primeira a nona série, essa experiência de jogo eles não possuem. Quando você trabalha em uma aula os quesitos do voleibol tem muitos que não sabem nem tocar, nem fazer a recepção, porque não vivenciaram isso e estão chegando aqui no Ensino Médio com a base ruim.

6 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Não adotaria porque seria injusto com eles, porque primeiro eles não vivenciaram isso na escola, nas séries iniciais, e chegar aqui e montar um time por habilidade, seria injusto com a maioria dos alunos. Priorizaria que todos tivessem essa oportunidade. Tem uns que tem uma habilidade mais acuradas do que o outro, mas eu não me sentiria a vontade e não me sentiria feliz com esse tipo de escolha, porque eu acho que a Educação Física deve favorecer a todos e não apenas um grupinho de meia dúzia que sabe jogar.

7 - 1 – Como é que você vê a questão da inteligência tática (inteligência para jogar) nas aulas de Ed. Física na escola?

O que eu percebo em algumas dinâmicas que fizemos é que realmente alguns alunos tem uma maior habilidade do que outros, isso é interessante de você estimulá-los e fazer com que se aprimorem.

8 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Não.

9 - 1 – Como é que você vê a questão da condição física nas aulas de Ed. Física na escola?

O condicionamento físico desses garotos é zero, eu falo que esses garotos são digitais e a gente analógico. Eles não praticam atividade física, comem de forma errônea e qualquer vivência que você venha fazer que exija um pouco do sistema cardiovascular eles morrem, não aguentam e reclamam que estão cansados.

10 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola?

Não, porque os estudantes aqui são muito sedentários e a condição física dos nossos alunos deixa muito a desejar.

11 – Como é que você vê a questão das qualidades físicas (força, velocidade, resistência) nas aulas de Ed. Física na escola?

Nas vivências que eu faço aqui na escola, eu procuro trabalhar essas qualidades físicas, como força, resistência e flexibilidade. Eu procuro mesclar nossas dinâmicas e vivências em cima dessas qualidades físicas.

12 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola? Você prefere qual dessas qualidades físicas no seu trabalho/montagem da equipe/time? Justifique.

Não adotaria, não como um critério avaliativo na escolha de times.

13 - Como é que você vê a questão das qualidades corporais (longilíneo/alto, normolíneo/normal, brevilíneo/baixo) nas aulas de Ed. Física na escola?

Eles estudam isso, é conteúdo do terceiro ano e eu se os próprios parâmetros curriculares permeiam estes quesitos que foram citados.

14 – Você considera essa questão relevante na escolha dos alunos para a montagem de equipes esportivas? Você adota esse critério na escolha dos seus times na escola? Você prefere qual dessas qualidades corporais no seu trabalho/montagem da equipe/time? Justifique.

Eu não posso montar um time de acordo com a sua denominação somatotipa e nem pela sua construção morfofisiológica, eu acredito que a Educação Física vai muito mais além do que isso. O ser humano é um ser tricotômico, então eu acredito que as três áreas devem estar em equilíbrio, cognitivo, afetivo e motor.

15 - Quais critérios o Sr. utiliza para escolher ou selecionar os alunos para a sua equipe/time?

Eu me preocupo muito mais com a questão da formação para a vida, do que para a parte competitiva, porque a própria vida já é uma competição e se eu puder ajudar na questão cognitiva, afetiva e motora para que eles possam enfrentar barreiras quando saírem da escola, isso já me deixa feliz.

16 - No seu entendimento, os alunos da sua equipe/time se distinguem dos demais alunos das aulas de Ed. Física na escola? Justifique.

Não trabalho muito nessa linha competitiva, mas eu acredito que não.

Anotações: